

OS MORFEMAS FINAIS E A ESTRUTURA DE ARGUMENTAÇÃO NO JAPONÊS¹

Lídia Masumi Fukasawa

Dando continuidade² ao processo de estabelecimento das relações entre as modalidades e as estruturas de argumentação em língua japonesa, analisaremos, aqui, os morfemas finais (*shûjoshi*), um dos componentes mais importantes que exprimem os vários modos de relacionamento entre o locutor e o destinatário na interação lingüística, sobretudo em sua forma oral.

Os morfemas finais pertencem à classe dos “componentes relacionais”, que Tokieda denominou *ji*. Contrariamente aos auxiliares verbais, que são flexíveis, os morfemas finais apresentam-se como elementos não-flexíveis, surgindo, como o próprio nome indica, no final da frase, depois do verbo, do adjetivo e dos auxiliares verbais. Têm como característica básica exprimir valores perlocucionais, já que se destinam à realização do trabalho interacional, através do qual o locutor procura, intencionalmente, chamar a atenção do destinatário para o que está sendo por ele enunciado.

O primeiro estudioso a usar o termo *shûjoshi* foi Yoshio Yamada, definindo-o, em *Nihon Bunpôron* (1908), como um relacional que se posiciona no final da frase, concluindo-a e exprimindo noções de emoção, proibição, questionamento, desejo etc. As pesquisas iniciais sobre os morfemas finais, contudo, tendiam a considerá-los elementos não-participantes da construção da frase, mas apenas elementos a ela acrescentados, fora do campo da predicação. A par-

1. Parte da tese de doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

2. O presente artigo, sobre os morfemas finais, constitui a segunda parte dos estudos referentes à estrutura de argumentação do japonês. Em *Estudos Japoneses* nº 12, 1992, publicamos a sua primeira parte, isto é, sobre a função modalizadora dos auxiliares verbais.

tir das indagações sobre a natureza e a função das modalidades (*chinjutsu*), Watanabe, Haga e outros passaram a incluí-los entre os componentes constitutivos da frase, em função do seu papel sintático e de explicitação das relações interpessoais de julgamento ou atitude do locutor. Isso levou ao surgimento de novas posturas de enfoque, tais como a análise dos morfemas finais segundo o funcionamento das expressões de tratamento (considerados do ponto de vista da centralidade do locutor ou do destinatário na interação), a análise segundo os enunciados modalizados, ou, ainda, segundo a teoria dos atos de linguagem.

Quanto a nós, postulamos que os morfemas finais constroem, nos enunciados, vários graus de atitude psicológica e social do locutor, formulada em direção ao destinatário, segundo escalas de argumentação, que determinam maior ou menor intensidade na intenção daquele em agir sobre este. Assim, os morfemas finais estabelecem, no enunciado, três graus diferenciáveis de perlocução:

- a. os que exprimem a atitude do locutor, acrescentando ao conteúdo do enunciado uma ênfase capaz de torná-lo mais eficaz no direcionamento ao destinatário. São os casos dos morfemas que exprimem dúvida (*ka, kashira*), desejo (*kashira, kana, naa*), imaginação (*yara*), pergunta retórica (*ka, monka, i*), julgamento pessoal (*ka, kotoka, kana, zo, na*), afirmação (*ze, zo, wa, no, sa*), volição/decisão (*tto*), certeza (*yo, wayo, kotoyo*), surpresa ou espanto (*ka, wa*), volição (*ka*), reminiscência (*kke*). De forma genérica, este grupo de morfemas desempenha função de enfatizar as crenças e as afirmações do locutor, direcionando-as ao destinatário, sem, contudo, exigir dele uma resposta acional. Nesse sentido, contém grau mais fraco de valor perlocucional, tendendo mais para a função ilocucional. Caracteriza-se, também, por veicular uma informação nova, desconhecida ou não-compartilhada pelo destinatário;
- b. os que exprimem pedido de adesão do destinatário, sem contudo exigir dele uma resposta acional. Comparados com os do primeiro grupo, apresentam grau mais intenso de valor perlocucional e pressupõem uma informação compartilhada, de conhecimento do destinatário. São os morfemas finais que designam pedido de confirmação ou concordância do destinatário (*koto, ne, na, yo*), admiração (*koto, nee, naa, waa, noo*), pedido de aprovação (*tomo*), causa/valor perlocucional de queixa/pedido de atenção (*mono*), obrigatoriedade (*mono, kotoyo*), ênfase/pedido de atenção (*kotoyo*), censura (*ka*), lembrança (*kke*);
- c. os que exprimem grau máximo de perlocução, visto que agem sobre o destinatário, exigindo dele uma resposta acional. São eles: proibição (*na, noyo, nayo, nane*), ordem (*ro, i, ya, na, koto, kotoyo, no, noyo*), convite (*ka, ya*), questionamento (*ka, kai, kashira, kana, nee, no, koto, sa, to, i*), pedido, proposta (*ka*).

A classificação por nós proposta leva em conta três pontos principais: primeiro, a idéia de que os morfemas finais da língua japonesa funcionam segundo a noção de “territórios de domínio da informação” (*nawabari*), proposta

por Akio Kamio. Com efeito, eles estabelecem as relações entre os interlocutores do discurso e a informação veiculada pelo enunciado, explicando a quem pertence essa informação (se é compartilhada ou não) e explicitando, ao mesmo tempo, o distanciamento ou a proximidade psicológica dos interlocutores com ela³. Em segundo lugar, a idéia de que os sentidos veiculados pelos morfemas finais dependem de vários fatores situacionais que determinam as relações sociais entre os interlocutores: se o falante é do sexo masculino ou feminino, a idade, a posição social, a intimidade ou não da relação entre os interlocutores, se a situação é formal ou não etc. E, em terceiro, a idéia de que os morfemas finais expressam as várias formas de ação sobre o destinatário, de acordo com escalas argumentativas que vão da expressão do valor perlocucional “mais fraco” ao perlocucional “mais forte”, isto é, do agir sobre o destinatário, sem exigir dele uma resposta acional, ao agir sobre ele, obrigando-o a uma ação.

Poder-se-á, ainda, levantar um quarto ponto, qual seja, o de que os morfemas finais se organizam no enunciado, ocupando sempre a posição final da frase e desempenhando primordialmente uma função perlocucional, isto é, obedecendo à estruturação argumentativa própria da língua japonesa, a qual pressupõe a expressão das modalidades ilocucionais antes das perlocucionais. É por essa razão que, na estruturação sintática do enunciado, os morfemas finais ocupam a posição mais final, surgindo em último lugar. Convém lembrar, aqui, o esquema de estruturação da língua japonesa: expressão do universo referencial → universo ilocucional → universo perlocucional. Essa seqüência de encaideamento lingüístico constitui uma regra de disposições combinadas, com a qual o locutor japonês se vê comprometido como condição básica de realização de seu ato de interação. Assim, ele jamais poderá dizer *Ikunedarô* (verbo *iku* + morfema final *ne* [perlocucional] + auxiliar verbal *darô* [ilocucional]), mas *Ikudarône* (Suponho que ele vá, não?), onde se observa o encaideamento: conteúdo referencial, modalidade ilocucional (suposição do locutor) e modalidade perlocucional (pedido de adesão do locutor).

Colocadas as características gerais dos morfemas finais, procederemos à análise de cada um, ressaltando-lhes os vários graus de perlocução.

Nota 1 Para facilitar a análise de cada um dos morfemas (veja-se que alguns fazem parte das várias classes propostas – o *ka*, por exemplo, desempenha as funções *a*, *b* e *c*), tratá-los-emos separadamente, não de acordo com as classes propostas, mas dispostas na ordem do silabário japonês.

Nota 2 Os sentidos modais veiculados pelos morfemas finais serão indicados, de acordo com a divisão em três classes (segundo o critério de graus de perlocução) apresentada neste item. A indicação será feita entre parênteses (perlocucional *a*), por exemplo, significando que este sentido modal inclui-se na classe *a*, em que a perlocução é mais fraca.

3. Convém lembrar que Kamio estabelece quatro tipos de relações: a informação pertencente apenas ao território de domínio do locutor, a informação compartilhada entre o locutor e o destinatário, a informação pertencente apenas ao território do destinatário e a que não pertence ao locutor nem ao destinatário.

Nota 3 A análise dos dados se baseará, fundamentalmente, nos enunciados levantados dos diálogos contidos nas seguintes obras: *Kitchin (A Cozinha)* e *Mangetsu (Lua Cheia)*, de Banana Yoshimoto, 1988; *Pan'ya Saishûgeki (O Assalto à Casa de Pães)*, *Zôno shômetsu (O Desaparecimento do Elefante)* e *Famirii afea (Family affair)*, *Futagoto Shizunda Tairiku (O Continente que se Afundou com as Gêmeas)*, de Haruki Murakami, 1986; “Funa” (“A Carpa Corácia”), “Biriken” (“Billiken”), “Sankaku Nami” (“Ondas Encapeladas”), “Usotsuki Tamago” (“O Ovo Mentiroso”), “Saikai” (“Reencontro”), de Kuniko Mukouda, contos contidos na coletânea denominada *Odoki, Medoki, (O Momento Feliz e o Momento do Desencontro)*, 1985.

– *A Research for Making Sentence Patterns in Colloquial Japanese (1) - On Materials in Conversation*, realizada pelo KKK, 1960.

1. *i*

O morfema final *i*, originário do morfema *ya* (de dúvida, pergunta retórica) da língua clássica, exprime:

a. *ênfase de frases imperativas, afirmativas* (perlocucional *a*)

(1) *Yokeina koto surunai.*

(Não se intrometa, tá?)

(2) *Usodaai!*

(É mentira, tá?)

b. *pergunta retórica*, acrescida de sentido de desprezo para com o conteúdo narrado (perlocucional *a*)

(3) *Waraigoeni ondoga arukai.* (Mukouda, *Funa*, p. 13)

(Você acha que existe tonalidade no riso? / claro que não! /)

c. *ordem* (perlocucional *c*)

(4) *Hayaku kai.*

(Venha logo!)

d. *questionamento* (perlocucional *c*)

(5) *Sore nandai.*

(O que é isso?)

O morfema final *i* caracteriza-se por ser de uso masculino (só é utilizado por pessoas do sexo feminino em certos dialetos) e estabelece uma relação de bastante intimidade entre o locutor e seu interlocutor. O emprego desse morfema encontra-se restrito a contextos situacionais em que o locutor se dirige de forma totalmente informal, num estilo “degenerado”, a um interlocutor que deverá ser seu amigo íntimo ou seu subalterno na escala social. Sua utilização em outro contexto, que não esses, provocará forçosamente uma infração da lei da polidez, lei essa muito apreciada pelos japoneses.

2. *Ka, kai, kana, kamo*

O morfema final *ka* é um dos componentes que se liga a quase todas as categorias gramaticais e exprime uma variedade grande de modalidades:

a. *dúvida / surpresa / admiração / julgamento pessoal* (perlocucional *a*)

(6) *Demo konna koto suru hitsuyôga hontôni attandarôka?* (Murakami, *Pan'ya Saishûgeki*, p. 31)

(Mas, será que havia realmente necessidade de fazer isto?)

(7) *Nanda, Hatanoka.* (Mukouda, *Sankaku Nami*, p. 66)

(Ah, é o Hatano?) – surpresa, com sentido de desapontamento ou decepção.

(8) *Kokoga kiminchino daidokorokaa.* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 59)

(Oh, é aqui a cozinha da sua casa?) – admiração

(9) *Yappari sôka.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 97)

(/Agora compreendi/ É isso mesmo!) – julgamento pessoal, confirmação, para si mesmo, da descoberta.

b. *pergunta retórica* (perlocucional *a*)

(10) *Aitsuga yatte kuru monka.* (KKK, *Hanashi Kotobano Bunkei*, p. 134)

(Você acha que ele vai se dignar a vir? / claro que não./)

c. *volição* (perlocucional *a*)

(11) *Sate, eiganidemo ikuka.*

(Bom, vou pegar um cinema.)

d. *censura* (perlocucional *b*)

(12) *Daigaku juken'ô hikaete nanto iu bakana maneo shitanoka. Yorini yotte Birikenno misetowa.* (Mukouda, *Biriken*, p. 41)

(Mas que tolice ele foi fazer, / justo agora /, com o vestibular nas costas? Ainda mais na loja de Billiken...)

e. *convite, em forma interrogativa negativa* (perlocucional *c*)

(13) *Dokokade ochademo nomimasenka.* (Murakami, *Famirii Afea*, p. 83)

(Não quer tomar um chá, em algum lugar?)

f. *pedido / proposta ou sugestão* (perlocucional *c*)

(14) *Moo hitotsu tsukutte kuremasenka* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 145)

(Não poderia / fazer o favor de / fazer mais um?) – pedido polido ou atenuado, em função da forma negativa.

(15) *Sofaao katte daburubettoo kaouka.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 102)

(Que tal se eu comprar um sofá e uma cama de casal?)

g. *ordem / proibição* (perlocucional *c*)

(16) *Hayaku shinaika.*

(/Não quer se apressar? / Apressese!) – ordem atenuada ou indireta.

- (17) *Konna tokini warau hitoga arimasuka*
/Existe gente que ri numa situação dessas?/
(Melhor não rir.) – proibição atenuada ou indireta.

h. *questionamento* (perlocucional c)

Há dois tipos de questionamento expressos por *ka*: o primeiro, que se caracteriza por exprimir uma pergunta do locutor para si mesmo ou um questionamento geral, que não objetiva atingir um destinatário específico e particular (cf. enunciado 18, a seguir) e o segundo, uma pergunta que exige a participação do destinatário na interação (cf. enunciado 19). Confirmamos:

- (18) *Dô kaiketsushitara yoika*

(/Não sei / como devo resolver?)

- (19) *Ima dete koreruka?* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 37)

(Você pode sair agora?) – uso masculino, quando ligado diretamente ao verbo, sem a presença do auxiliar verbal de polidez *masu*.

O morfema final *kai* é, na verdade, a forma composta pelos morfemas *ka* (de dúvida) e *i* (de ênfase), embora alguns teóricos o considerem uma mera variação de *ka*. Quanto a nós, postulamos que o morfema final *kai* exprime uma modalidade mais enfática ou mais atenuada (abrandamento da pergunta, por exemplo) do que o *ka*. Assim, estabelecer-se-á uma distinção de grau de modalização entre os enunciados

- (20) *Kimimo nomukai.* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 67)

(Você também vai tomar?)

- (21) *Kimimo nomuka.*

(Você também vai tomar?)

O primeiro (20) abranda a pergunta e parece acrescentar, ainda, um certo tom carinhoso ao enunciado interrogativo. O sentido de “maior intimidade” do locutor para com o destinatário da pergunta poderá ser observado mais nitidamente no morfema *kai* do que no enunciado construído simplesmente com *ka*. E isso poderá ser confirmado, se observarmos a impossibilidade de *kai* ligar-se aos auxiliares verbais *masu* e *desu* que exprimem polidez.

O que se torna fundamental e característico do morfema final *ka* é o fato de que a sua função básica é exprimir o sentido de incerteza e dúvida, a partir do qual derivam os demais valores modais dos componentes constitutivos de *ka* (*kai, kana, kamo* etc).

O morfema final *kana* é comumente considerado como sendo a junção de dois relacionais: os morfemas finais *ka*, que exprimem dúvida, e *na*, que exprime emoção. Na qualidade de morfema composto, indica:

a. *desejo* (perlocucional a)

- (22) *Hayaku kite kurenaikanaa.*

/Será que /ele/não vem logo?/

(Quero que /ele/venha logo!)

b. *juízo pessoal / dúvida* (perlocucional a)

(23) *Soredakekanaa*. (Mukouda, *Sankaku Nami*, p. 59)

(Será que é só isso?)

c. *questionamento* (perlocucional c)

(24) *Nee, hitotsudake shitsumonshite iikana?* (Murakami, *Famirii Afea*, p. 107)

(Será que posso fazer só uma pergunta?)

Embora as funções de *kana*, nos enunciados que exprimem dúvida e questionamento, sejam bastante semelhantes, há de se notar que, no caso da dúvida, o valor modal desempenha função mais ilocucional, ou melhor, menos perlocucional (perlocução de grau baixo) do que o questionamento. A distinção entre ambos poderá ficar clara se compararmos o encadeamento dialógico, isto é, a resposta do destinatário. Confirmamos os seguintes casos:

(25) A: *Korekara chotto gakkôe itte mirukanaa...*

(Será que (acho que) vou, agora, dar um pulo até a escola?...)

B: *Koredakara gakuseisanwanee, kirakuyonee*. (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 87)

(É por isso, né, que ser estudante é tranquilo, né.)

(26) A: *Mata chikai uchini sasotte iikana?*

(Será que, em breve, posso convidá-la outra vez?)

B: *Deetoni? Soretomo hoteruni?* (Murakami, *Famirii Afea*, p. 72)

(Para um encontro? Ou, então, para um hotel?)

Como se pode observar pelos exemplos, as seqüências dialógicas esclarecem cada um dos casos enfocados: o morfema final *kana*, do primeiro caso (25), exprime claramente sentido de dúvida, e o do segundo (26), questionamento, pergunta. Em (25), o personagem B faz apenas um comentário com relação à dúvida do seu interlocutor; ao contrário, em (26), o enunciado B constitui uma resposta específica à pergunta de A. Dir-se-á, então, que *kana*, no primeiro contexto, cria um sentido modal mais centrado no locutor, enquanto, no segundo contexto, uma modalidade mais centrada ou dirigida ao destinatário, através da qual o locutor exige do destinatário uma resposta específica à sua pergunta. Assim, nos encadeamentos apresentados, o primeiro *kana* possibilita ao destinatário maior liberdade de continuação quanto ao conteúdo a ser por ele elaborado; já o segundo *kana* cerceia essa liberdade do destinatário, visto que o questionamento, por sua própria natureza, limita e orienta o conteúdo a ser enunciado no encadeamento dialógico.

O morfema final *kamo* é a forma elíptica de *kamoshirenai*, que indica dúvida. Embora a maioria das obras teóricas só admita a existência de *kamo* como morfema final na língua clássica, preferimos incluir o *kamo* da língua moderna nessa categoria, em decorrência de sua origem e de sua função. Etimologicamente, *kamo* provém da junção de dois morfemas finais: *ka*, que exprime emoção ou dúvida, e *mo*, que exprime emoção. Enquanto valor modal, *kamo* exprime dúvida, suposição. Exemplifiquemos:

(27) *Otokotte moo iydatte sono toki hajimete omotta nokamone.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 127)

(Talvez tenha achado, pela primeira vez, nesse momento, que não queria mais ser homem.)

O morfema final *kamo*, já pelo fato de ser uma simplificação da forma *kamoshirenai*, caracteriza-se pela ausência de polidez e se restringe ao emprego em situações nas quais se verificam relações de franca intimidade entre os interlocutores. Em situações sociais mais formais, *kamo* é substituído por *kamoshi-remasen* (forma mais polida, expressa pelo auxiliar verbal de polidez *masu*, flexionado em *mase*), *nodewanaikato omoimasu* (“tenho a impressão de que talvez...”), *nodewanaideshôka* (“será que não é...?”) etc., enfim, as várias expressões polidas que indicam dúvida, suposição ou questionamento.

3. *kashira*

É um morfema final de uso exclusivamente feminino, proveniente da expressão *kashiranu* (morfema que indica dúvida *ka* + verbo “saber” *shira* + auxiliar verbal de negação *nu*), que se transformou em *kashiran*, para chegar à forma *kashira*. Exprime:

a. *dúvida* (perlocucional *a*)

Incluem-se, nesse caso, os morfemas finais que veiculam sentido de dúvida do locutor, como se ele estivesse elaborando uma pergunta para si mesmo. Nesse caso, o valor perlocucional – no sentido de valor de questionamento ao destinatário – é quase nulo, razão pela qual o classificamos como pertencendo à classe dos perlocucionais do grupo *a*, isto é, aqueles que exprimem baixo grau de perlocução, estando mais centrados na expressão das opiniões do locutor. Veja-se o exemplo:

(28) *Nanio iouto shite iru noka yoku wakaranaishi, ittai dô shitano? [...] Soretomo watashino mimiga dôka shichatta nokashira?* (Murakami, *Zôno Shômetsu*, pp. 54-55)

(Eu não sei direito o que (você) está querendo dizer; afinal o que houve? [...] Ou será que aconteceu alguma coisa com o meu ouvido?)

b. *desejo* (perlocucional *a*)

O morfema final *kashira* exprime desejo, quando ligado a uma expressão na forma negativa.

(29) *Dareka kite kurenaikashira.*

/Será que não vem alguém?/

(Gostaria que viesse alguém./ Desejo que alguém venha.)

c. *pedido* (perlocucional *c*)

(30) *Sakurai-san, asattekara Izu chihôno shuzaiga arunoyo. [...] dôkôshite mo-raenaikashira.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 106).

(Senhorita Sakurai, temos, a partir de amanhã, um trabalho de reportagem, na região de Izu. [...] será que *não poderia pedir* para acompanhar-nos?)

A função modal do morfema final *kashira*, do exemplo, é, na verdade, tornar mais delicado e brando o sentido de pedido, já contido no sintagma *dôkôshite kurenai* (“não quer fazer o favor de acompanhar-nos?”). Trata-se de um dos muitos recursos empregados pelos japoneses, para tornar mais atenuadas as perguntas diretas. O pedido expresso pelo enunciado reveste-se, com acréscimo do morfema final *kashira*, de um sentido de dúvida, que parece advir dos componentes que o originaram (*kashiranu* = “não sei se...”). E o sentido de dúvida traz, ao enunciado que exprime pedido, um efeito mais polido e delicado, já que se poderá admitir uma diferença de sentido entre *dôkôshite moraenai?* (“não é possível você acompanhar-nos?”) e *dôkôshite moraenaikashira* (“não sei se não será possível você acompanhar-nos”). Dir-se-á, então, que *kashira* é um morfema final que estabelece uma forma mais polida e delicada de elaboração de um pedido.

d. *questionamento* (perlocucional *c*)

O sentido de dúvida pode transformar-se em questionamento (ou pergunta), elaborada ao destinatário, exigindo dele uma resposta. Nesse caso, a função perlocucional se torna mais forte do que no caso da simples dúvida, em que o locutor procura registrar mais enfaticamente a sua opinião (a dúvida direcionada a si próprio) ao invés de requerer do destinatário uma possível solução para a sua dúvida. No caso do questionamento, o locutor procurará através da sua pergunta obter dados do destinatário para satisfazer a sua curiosidade ou dúvida. No segmento seguinte:

(31) Esposa: *Hanbaagaawa ikutsugurai hitsuyôdato omou? Sanjikkomo areba iikashira?*

(Quantos hamburgers você acha que são necessários? Será que uns trinta serão suficientes?)

Marido: *Tabun.* (Murakami, *Pan'ya Saishûgeki*, p. 25)
(Provavelmente.),

a função do morfema final *kashira* é, nitidamente, elaborar uma pergunta: a dúvida da esposa é transformada em questionamento ao marido, em cuja base se encontra a sua intenção em procurar dissipar essa dúvida e resolver a questão. E a pergunta, por ela elaborada, exige uma resposta específica do parceiro no diálogo. Justifica-se, então, a função perlocucional *c* do morfema final *kashira*.

4. *-kke*

Embora a maioria dos autores não o registre, na extensa lista dos morfemas finais, o *-kke* é, na língua moderna, um morfema final bastante usado para exprimir modalidade interrogativa, seja com sentido de “tentativa de lembrança”

ça”, seja com sentido de pergunta, através da qual o locutor procura invocar o destinatário a lembrá-lo de algum fato passado, ou, ainda, de ênfase na reminiscência do locutor. É, contudo, um morfema empregado apenas em contextos nos quais se configuram relações de intimidade entre os interlocutores, não podendo ser utilizado quando o locutor se dirige a um interlocutor hierárquica ou socialmente “mais graduado” do que ele, ou em situações mais formais. A informalidade que cria faz do morfema final *-kke* um recurso modal mais comumente usado por falantes do sexo masculino.

Proveniente do auxiliar verbal *keri*, da língua clássica (sentido de passado, reminiscência, emoção, surpresa etc.), e ligado aos auxiliares verbais *da* (afirmação), *ta* (passado), o morfema final *-kke* exprime dois tipos de questionamento:

a. *tentativa de lembrança* por parte do locutor (perlocucional a)

O morfema final *-kke*, nesse caso, exprime um questionamento do locutor, dirigido a ele próprio, como uma tentativa de trazer à memória a lembrança de um fato passado ou conhecido. E é essa característica que justifica a classificação proposta, isto é, a que o inclui na classe dos morfemas finais que exprimem baixo grau de perlocução (baixo grau de ação sobre o destinatário). Vejamos o enunciado:

(32) *Ah, sore shitteru. Nandakke [...] Dareno utadakke* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 62)

(Ah, conheço isso. O que *era mesmo*? [...] De quem *era mesmo* essa canção?)

No enunciado dado, o locutor parece perguntar a si mesmo, tentando lembrar-se do cantor, a quem conhecia. Mais do que uma pergunta dirigida ao interlocutor, o enunciado parece dirigir-se ao próprio locutor que o enuncia. Contudo, há de se reconhecer que o sentido modal de *-kke*, neste caso, é polêmico: assim como se pode levar em conta a centralidade do locutor – e, nesse caso, reconhecer no enunciado uma função perlocucional da classe *a* –, poder-se-á levar em conta o critério da informação compartilhada entre os interlocutores e do pedido de participação do destinatário. Neste caso, a função do morfema final *-kke* será aquela desempenhada pelos que pertencem ao grupo *b*, isto é, de “grau médio de perlocução”

b. *questionamento* (perlocucional c)

A função interrogativa de *-kke* deixa claro o valor perlocucional da classe *c*, isto é, a de obrigar o destinatário a uma resposta específica à pergunta veiculada. Basta, para isso, verificar o encadeamento dialógico que segue:

(33) Mikage: *Dôshite watashio yondandakke?*

(Por que foi *mesmo* que (você) me chamou?)

Yûichi: *Komatteruto omotte.* (Yoshimoto, *Kitchin*, pp. 17-18)

(Porque pensei que estivesse em apuros.)

c. ênfase da lembrança (perlocucional a)

O morfema final *-kke* pode, ainda, expressar a intenção do locutor em enfatizar a lembrança de um fato passado:

(34) *Sô ieba sonna kotomo attakkene.*

(Pensando bem, houve *mesmo* algo assim.)

Em qualquer um dos casos, o que se deve enfatizar como característica básica do morfema final *-kke* é o seu papel modal de construção de relações pessoais de intimidade. Não se lhe permitirá o uso em situações formais, ou dirigido a um interlocutor de *status* hierarquicamente superior, sob pena de grave infração da lei da polidez. Assim, o *-kke*, em tais situações, deverá ser substituído por outras expressões que contêm valor de respeito e polidez, tais como *tanodeshōka*, *deshitadeshōka*, *mashitane*, *tayōna kigashimasu* etc.

5. *koto*, *kotoka*, *kotoyo*

-koto

Terminar a frase com o substantivo *koto* (“fato”), atribuindo ao enunciado uma modalidade de admiração ou emoção, é uma forma já bastante antiga na língua japonesa. Embora a maioria dos autores ainda considere o termo *koto* como pertencente à categoria dos nomes, em decorrência da sua posição na frase (utilizado em posição final) e da sua função modal, preferimos incluí-lo na classe dos morfemas finais. Decorrente do sentido inicial, o morfema final *koto* passou a indicar, na língua moderna, os seguintes valores modais:

a. admiração, emoção (perlocucional b)

As noções de admiração e de emoção veiculadas pelo morfema final *koto* pressupõem, por parte do locutor que as emprega, uma forma de adesão ou concordância do destinatário, além do fato de que o conteúdo narrado no enunciado que o contém constitui uma informação compartilhada ou presenciada pelo destinatário. É por essa razão que preferimos incluí-lo na classe dos perlocucionais *b*. Confirmamos o exemplo seguinte:

(35) *Maa, utsukushii hanadesukoto*

(Oh, mas *que* linda flor!)

O conteúdo semântico (“a flor é linda”) do enunciado referido é uma informação compartilhada pelo destinatário. O morfema final *koto* acrescenta, ainda, uma espécie de pedido de adesão do interlocutor ao fato narrado.

O sentido de “pedido de adesão” pode ficar ainda mais claro no enunciado seguinte:

(36) *Nee, anata, sutekijanaikoto?*

(Viu, meu bem, não é lindo?)

Embora se deva considerar, de forma geral, o questionamento como perlocucional da classe *c*, diferenciar-se-ão dois tipos de questionamento: aquele que simplesmente pede a adesão do destinatário ao conteúdo veiculado e aquele

que pede a formulação de uma nova informação por parte do interlocutor. O primeiro será considerado perlocucional do grupo *b*, isto é, o enunciado com força de perlocução média (mais forte do que *a* do grupo *a* e mais fraca do que *a* do grupo *c*). O segundo será considerado perlocucional do grupo *c*, isto é, o enunciado com força máxima de perlocução (mais forte do que *a* dos grupos *a* e *b*).

Levando-se em conta a distinção dos morfemas finais que estabelece as três escalas argumentativas de perlocução, dir-se-á que os enunciados (35) e (36) estabelecem, na interação dialógica, uma função perlocucional da classe *b*.

Vale lembrar, ainda, que o morfema final *koto*, com sentido de “admiração”, encontra-se restrito ao uso feminino e atribui ao enunciado um certo tom de delicadeza.

b. *questionamento* (perlocucional *c*)

O morfema final *koto* pode atribuir ao enunciado uma função perlocucional *c*, isto é, a forma através da qual o locutor, através de seu questionamento, obriga o destinatário a formular uma resposta na qual conste a veiculação de uma nova informação referente à pergunta elaborada pelo primeiro.

(37) A: *Kekkon'ô môshikomaretatte iukoto?*

(Isso quer dizer que (você) foi pedida em casamento?)

B: *Maane. Mada henjiwa shitenaikedo.* (Murakami, *Famirii Afea*, p. 79)

(É. Embora ainda não tenha dado a resposta...)

Como se pode constatar pelo segmento enfocado, o questionamento de A exige a resposta de B, isto é, a informação de que foi realmente pedida em casamento (o que constitui, claramente, uma informação nova com relação à pergunta veiculada).

O morfema final *koto*, com função interrogativa, é tanto de uso masculino quanto feminino, caracterizando-se por estabelecer uma relação informal e de intimidade entre os interlocutores.

c. *ordem* (perlocucional *c*)

A modalidade imperativa expressa por *koto* afigura-se como uma ordem mais branda do que a forma imperativa dos verbos ou dos demais morfemas finais que exprimem ordem (*ro*, *yo*, *i*), porque veicula uma ordem mais impessoal, semelhante à noção de obrigatoriedade:

(38) *Kikenna asobio shinaikoto.*

(Não se deve fazer (não faça) brincadeiras perigosas.)

-kotoka

O morfema final *kotoka* (etimologicamente, formado pelos morfemas *koto* e *ka*) exprime, fundamentalmente, o que se poderá denominar “julgamento pessoal”⁴, no sentido de que estabelece uma modalidade segundo a qual o locutor

4. Toshiko Tanaka (*Modalitykara Mita Shûjoshi*, 1989) designou essa função de *jitô* (autocompreensão) ou *hitorigaten* (conclusão própria).

procura expressar a sua própria opinião, conclusão ou admiração, independentemente da opinião de terceiros. Baseando-se nessa característica, inserir-se-á este morfema na classe dos perlocucionais *a*.

Exemplo:

- (39) *Waga kodemonainoni nante watashini yasashiku shite kurerukotoka.*
(Embora não seja nem meu filho, como me trata com carinho!)

-kotoyo

O morfema final *kotoyo* (etimologicamente, formado pelos morfemas *koto* e *yo*) exprime:

a. ênfase na afirmação ou chamamento de atenção do destinatário (perlocucional *b*)

- (40) *Watashiwa zonjimassenkotoyo.*
(Eu não conheço, viu?)

b. obrigatoriedade (perlocucional *b*) – entonação descendente

- (40) *Dakara hayaku ikukotoyo.*
(É por isso que se deve ir logo.)

c. ordem (perlocucional *c*) – entonação ascendente

- (41) *Minasun, kyôwa hayaku nerukotoyo.*
(Gente, vocês devem dormir cedo hoje.)

d. convite (perlocucional *c*) – uso feminino

- (42) *Sorosoro dekakemasenkoto?*
(Não querem sair agora?)

e. questionamento (perlocucional *c*)

- (43) *Sonnani warukunaitte dô iukotoyo?* (Murakami, *Famirii Afea*, p. 84)
(O que você quer dizer com “não é /um rapaz/ tão ruim assim”?)

Dada a natureza das modalidades que exprime, o morfema final *kotoyo* não se inclui nas categorias que veiculam polidez e delicadeza, sendo utilizado entre interlocutores que mantêm certa intimidade de relações entre si.

6. *sa*

O morfema final *sa* caracteriza-se por ser de uso masculino e próprio da língua oral. Não é usado em língua escrita e nem em situações dialógicas de caráter mais formal e social, exatamente em virtude do seu papel construtor de interações conversacionais entre os interlocutores que observam alto grau de intimidade entre si. Exprime:

a. *afirmação* (perlocucional *a*)

Embora tenhamos denominado simplesmente “afirmação”, o morfema final *sa* atribui ao enunciado pelo menos duas diferentes nuances de asserção:

a.1. afirmação com sentido de desdém, isto é, asserção que inscreve ao enunciado um sentimento de menosprezo por parte do locutor, diante de um fato já consumado. Exemplo:

(44) *Sonnanowa itsu:mo yatteru kotosa.* (Murakami, *Zôno Shômetsu*, p. 58)
(*Ora, isso é o que fazem sempre...*)

(45) A: *Dôshite sonna patto shinai pan'yao erande osottano?*
(Por que escolheram uma casa de pães tão insignificante para assaltar?)

B: *Ôkina miseo osottari suru hitsuyôga nakattakarasa. Warewarewa jibuntachino ueo mitashitekureru ryôno pan'ô motomete itandeatte, nanmimo kaneo torouto shite ita wakejanai.* (Murakami, *Pan'ya Saishûgeki*, pp. 14-15)

(Porque não havia necessidade de assaltar uma loja grande, *oras!* O que desejávamos era obter uma quantidade suficiente de pães para saciar a nossa fome e não tínhamos intenção de roubar dinheiro.)

a.2. ênfase ou reiteração de um fato consumado

(46) A: *Sono kotoo keisatsuni shirasenakattanone.*

(Você não informou a polícia sobre isso, não é?)

B: *Mochironsa. Sonnano shirasetatte keisatsuwa mazu shin'yôshinaidarôshi, sonna jikanni urayamakara zôo kenbutsushite itanante ittara bokuga utagawareru [...]* (Murakami, *Zôno Shômetsu*, p. 59)

(*É claro!* Mesmo que tivesse informado, para começar, a polícia provavelmente não teria acreditado e, se eu dissesse que estava apreciando o elefante, por detrás da montanha, àquela hora (da tarde), eu é que seria alvo de desconfiança [...])

O morfema final *sa*, neste caso, afigura-se como uma forma enfática que substitui a função do auxiliar verbal de afirmação *da*.

b. *refutação* (perlocucional *a*)

Inserido num contexto interrogativo, o morfema *sa* exprime uma atitude de réplica ou de contestação do locutor, acrescida do sentido de indignação, desafio ou menosprezo:

(47) *Shigotonante nanisa.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 133)
(*E daí? Que importância tem o trabalho?*)

7. *ze*

De uso exclusivamente masculino, o morfema final *ze* estabelece uma relação pessoal bastante íntima e informal entre os interlocutores. Muitas vezes,

inscreve no enunciado uma atitude rude do locutor, razão pela qual constitui componente próprio da língua oral, nunca utilizado na língua escrita. Há três modalidades que podem ser detectadas no uso do morfema *ze*:

a. *ênfase na afirmação* (perlocucional *a*)

A função de ênfase, construída por *ze*, relaciona-se com os sentidos de “aviso”, “alerta” ou “observação” veiculados pelo locutor, direcionados ao destinatário, com forte carga de intimidade. Exemplo:

(48) Irmão mais velho: *Bokuwa kinô sutêki kuttabakaridaze. Sutêkinante iyadayo. Korokkeno hôga ii.*

(Escuta aqui, eu acabei de comer bife ontem. Não quero bife. É melhor que seja croquete.)

Irmã: *Anatawa kinô sutêkio tabetakamoshirenaikedo. Watashitachiwa tabetenainoyo.* (Murakami, *Famirii Afea*, pp. 89-90)

(Pode ser que você tenha comido bife ontem. Acontece que nós não comemos...)

Observa-se, na seqüência, a função perlocucional bastante nítida de *ze*. Embora exprimindo claramente um fato que pertence à área de domínio do locutor (e por isso considerada da classe *a*), o morfema em questão introduz o assunto, de forma enfática, ao destinatário. A “observação” do irmão transforma-se em “aviso” para a irmã (um aviso que pode até chegar a ter uma carga semântica próxima de um pedido). Em decorrência disso, hesitou-se até em se considerar o *ze* como morfema pertencente à classe dos perlocucionais da classe *a*. Contudo, assim o fizemos, em função do critério de “território de domínio da informação” que, no caso, pertence ao locutor e não ao destinatário (não se trata tampouco de uma informação compartilhada). Além disso, a função perlocucional de *ze* não chega a prejudicar a conceituação que se fez dos morfemas da classe *a*, isto é, “aqueles que exprimem a atitude do locutor, acrescentando ao conteúdo do enunciado uma ênfase capaz de torná-lo mais eficaz no direcionamento ao destinatário” Fica claro, então, que os morfemas desse grupo estabelecem, ao mesmo tempo, uma explicitação das verdades do locutor (valor ilocucional) e uma ação sobre o destinatário, através dessa explicitação (valor perlocucional).

b. *desprezo* (perlocucional *a*)

De certa forma, decorrente do primeiro caso, o morfema final *ze* exprime valores modais de desprezo e coação, expressos pelo locutor.

(49) *Chichioyadatte amari matomona hitojanaize.*

(Mesmo o pai não é uma pessoa muito certa, *hein?*)

c. *ênfase no pedido* (perlocucional *c*)

(50) *Mô akirameyôze. Konna yonakani pan'yanante aicha inaiyo.* (Murakami, *Pan'ya Saishûgeki*, p. 23)

(Vamos desistir, *vai*? Não há casa de pães aberta numa madrugada como esta!)

d. *coaço* (perlocucional *c*)

(51) *Oi, kimiwa kareto kekkonsurundaze.*
(Olha, você *vai* se casar com ele, *hein*?)

Contrastando com o morfema final *zo* (do qual trataremos no item subsequente), o operador modal *ze* contém maior força perlocucional (no sentido de que a ação sobre o destinatário é mais forte) e é, ao mesmo tempo, uma forma mais rude ainda do que o primeiro. Por ser de uso exclusivamente masculino, falta ao modalizador *ze* a suavidade atribuída à afirmação construída com o morfema final *yo* (do qual trataremos no item 16). É por essa razão que se deverá considerar *ze* como um operador modal que constrói atos ilocucionais, com força perlocucional mais intensa, através dos quais, muitas vezes, o locutor ignora e despreza o ponto de vista do destinatário. Em decorrência da grande possibilidade de provocar uma grave infração da lei da polidez, o morfema final *ze* está absolutamente restrito a contextos situacionais de extrema intimidade entre os interlocutores, não devendo, nunca, ser empregado em outras circunstâncias, sobretudo quando o locutor se dirige a um superior na hierarquia social.

8. *zo*

Registrando estreito compromisso com a oralidade, o morfema final *zo*, de uso exclusivamente masculino, exprime:

a. *ênfase na afirmação*

a.1. autopersuasão (perlocucional *a*)

O operador modal *zo*, neste caso, exprime uma ênfase da afirmação do locutor, como se este estivesse falando para si próprio – mesmo diante da presença de um destinatário –, procurando convencer-se. É, dentre as modalidades, a que mais se aproxima da função ilocucional, contida na afirmação.

(52) *Kondowa umaku ikisôdazo.*
(Parece que, agora, vai bem, *hein*?)

a.2. aviso, advertência (perlocucional *a*)

Nitidamente dirigido ao destinatário, o morfema final *zo* é, neste caso, empregado com a função de exprimir a intenção do locutor em impingir naquele a sua opinião. Insere-se no grupo *a*, em função do desprezo do locutor com relação à opinião do destinatário, o que vale dizer que o conteúdo informativo do enunciado só pertence ao primeiro (é da área de domínio do locutor).

(53) *Mô osoizo. Hayaku okiro.*
(Já é tarde, *viu*? Levante-se logo!)

b. *coaço, ordem, proibiço* (perlocucional c)

Conservando, ainda, a forma afirmativa, o modalizador *zo* pode exprimir coaço ou ordem. Poder-se-ia considerar esta funço como uma das variantes da “ênfase na afirmaço”, mas, dado seu caráter perlocucional mais intenso na escala argumentativa (isto é, o de exigir do destinatário uma resposta acional), optamos por considerá-lo fora do quadro da afirmaço. Além disso, a proibiço foge à forma afirmativa, ligando-se à negaço.

(54) *Hayaku ikundazo*
(É para ir (vá) logo!)

(55) *Kareni itchaikenaizo.*
(Não pode contar (não conte) para ele, viu?)

O emprego do morfema final *zo* restrito a casos em que o locutor se dirige a uma pessoa íntima, de posição subalterna ou equivalente à sua na hierarquia social, faz dele um operador modal bastante rude, de uso exclusivamente masculino. Em quaisquer outras circunstâncias, o locutor deverá privar-se de empregá-lo, sob pena de infringir gravemente a lei da polidez.

9. *to, -tto*

O morfema final *to*, em sua funço modalizadora, de final de frase, é oriundo do conectivo *to* (*setsuzokujoshi*, termo relacional que liga duas oraço), que introduz oraço condicionais, temporais etc. Como morfema final, o *to* contém, de certa maneira, essa funço conectiva, apresentando, contudo, a oraço principal implicitada, terminando o enunciado apenas com a subordinada em *to*. Essa característica permite-nos incluí-lo na categoria dos morfemas finais, isto é, na categoria dos componentes que terminam o enunciado e que apresentam noções de modalidade.

As modalidades que o morfema final *to* pode exprimir são:

a. *questionamento* (perlocucional c)

(56) *Nonchanto môshimasuto?* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 30)
(Quando (a senhora) se refere a Nonchan, /quem é?/)

(57) [...] *pan'yanante aichainaiyo. Kô iu kotowa yahari maemotte shitashirabeshitekarajanaito.* (Murakami, *Pan'ya Saishûgeki*, p. 30)
([...] não há nenhuma casa de pães aberta. Esse tipo de coisa, se não se fizer uma pesquisa antecipada, /não dá/.)

Tanto o *to* do enunciado (56) quanto do (57) deixa implicitada a oraço principal: no primeiro caso, pressupõe-se a implicação de *donatadesuka* (“quem é?”) e, no segundo, de *ikenai* (“não dá”), *dameda* (“não é possível”) ou *komaru* (“fica-se em apuros”).

b. *repergunta* (perlocucional c)

A repergunta em *to* se dá quando o locutor, retomando algo enunciado

anteriormente pelo interlocutor, repete o conteúdo desse enunciado e lhe acrescenta o morfema final *to*, transformando a frase em interrogação. Nesse caso, acrescenta à pergunta um tom de indignação. Vejamos o segmento:

(58) Yûichi: *Jaa, miyage matterukara.*

(Então, fico esperando o presente.)

Mikage: *Yappari unagipaikashira.*

(Será que/devo/mesmo trazer torta de enguia?)

Yûichi: *Unagipaidato? Arewa Tôkyôekino KIOSKnimo utterundazo.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 122)

(/Você está dizendo/ torta de enguia? Aquilo vende também na banca da estação de Tóquio, oras!)

Tendo-se em vista esse tom de indignação, o morfema final *to* se caracteriza, nesses casos, por ser de uso exclusivamente masculino, atribuindo ao enunciado uma modalidade que exprime muita informalidade, tornando-o, às vezes, rude e grosseiro.

O morfema final *-tto*, ligado a uma expressão volitiva, reforça esse sentido de volição expresso pelo locutor, como se este extravasasse seus sentimentos. Pertence, portanto, à classe dos morfemas que veiculam baixo grau de perlocução (*a*).

(59) *Tsumaranaikara mô yameyoutto.*

(Vou parar, porque está muito sem graça!)

10. *tomo*

O morfema final *tomo* inscreve ao enunciado uma afirmação enfática, de concordância irrestrita ao que foi enunciado pelo interlocutor. É empregado, geralmente, para elaboração de respostas a perguntas que pedem concordância ou confirmação. Dada a sua função enfática, não se liga a auxiliares verbais ou expressões que exprimem asserções dubitativas ou incertas (por exemplo, *darô*, *deshô*, *u/you* etc.).

(60) *Kokoni kaitemo kamaimasenka?*

(Não faz mal que eu escreva aqui?)

Kamaimasentomo.

(Claro que não faz mal!)

11. *na, naa*

Esses morfemas finais se caracterizam por ser de uso exclusivamente masculino, exprimindo variadas modalidades, sempre com sentido de proximidade ou intimidade entre os interlocutores. Possuem forte compromisso com a oralidade, e, em função da informalidade que veiculam, seus empregos restringem-

se a situações conversacionais que não exigem “cerimônia” ou “formalidade” Isso quer dizer que o locutor só os empregará quando se dirigir a interlocutores do mesmo nível hierárquico que o seu ou a pessoas menos graduadas (na escala social); não poderá se expressar utilizando *na*, *naa*, *nane* ou *nayo*, dirigindo-se a um superior ou a pessoas com quem possui menos intimidade, sob pena de infringir as leis de polidez e de respeito prescritas e aceitas pela sociedade como um todo.

O morfema final *na*, mediante obediência aos requisitos descritos acima, exprime uma variedade grande de modalidades:

a. *emoção, surpresa, admiração, aspiração* (perlocucional *a*)

Esses valores modais podem ser expressos tanto pelo morfema final *na* quanto pela sua variante *naa* – forma alongada de *na*, que inscreve ao enunciado uma modalidade mais enfática, isto é, uma emoção, uma surpresa etc., mais intensa e forte. Exemplo:

(61) *Iinaa! Ano eigawa jissai.* (KKK, p. 293)

(Como é bom! Aquele filme, realmente...)

(62) *Daigakujûno wadaidayo. Sugoinaa, mimini hainnakattano?* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 40)

(É o assunto comentado na faculdade toda. É incrível! Você não soube?)

(63) Mikage: *Asokoni sunderunoyo.*

(Eu moro ali, olha.)

Amigo: *Iinaa. Kôenno mayokojanai. Bokudattara asa gojini okite sanpo-shichauna.* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 42)

(Que bom, não? É bem em frente ao parque. Se fosse eu, levantaria às 5 da manhã e faria minhas caminhadas.)

(64) *Kyôga owaranaito iinonina.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 102)

(Que bom seria se (queria que) o dia de hoje não terminasse!...)

b. *ênfase branda na afirmação* (perlocucional *a*, uso exclusivamente masculino)

(65) *Kimi chôdo isogashikattakarana.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 80)

(É que, justamente, você estava ocupada.)

c. *dúvida* (perlocucional *a*)

A dúvida expressa por *na* ou pela sua variante *naa* (muitas vezes ligados ao morfema final *ka*) contém função de interrogação, isto é, uma pergunta que o locutor parece fazer para si mesmo, estranhando o fato descrito:

(66) *Ano hitowa ittai bokuo shitterunokana. [...] Dokokade atterunoka, atta oboewa naindaganaa.* (Mukouda, *Biriken*, p. 49)

(Será que ele me conhece? [...] Não sei se ele já cruzou comigo em algum lugar. Mas eu não me lembro de tê-lo encontrado...)

d. *pedido de concordância ou confirmação* (perlocucional *b*)

Dada a natureza da modalidade em questão, o *na* pode construir uma forma interrogativa (além da forma afirmativa):

- (67) Yûichi: *Shinjirannaiyona.*
(Não dá para acreditar, né?)
Mikage: *Naniga?*
(O quê?)
Yûichi: *Kimino ittamonoo zenbu kattarasaa, kokomade hitoride motteko-renaino. Ôsugite.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, pp. 94-95)
(Comprando tudo o que você pediu, não consegui trazer sozinho, até aqui. De tão pesado...)

O sentido de pedido de concordância poderá ficar ainda mais claro no enunciado seguinte, em que o locutor convida a amiga para uma rápida refeição:

- (68) *Ieni kaeru tochû, kôende raamen tabeyouna.* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 64)
(No caminho de volta para casa, vamos comer um lamen no parque, tá?)

A modalidade expressa pelo enunciado acima aproxima-se do sentido veiculado pelo morfema final *ne* (do qual trataremos no item subsequente), com a diferença de que o *na*, por ser de uso exclusivamente masculino, prescinde do valor modal de delicadeza (ou não-infração da lei de polidez) contido em *ne*. Enquanto este último pode ser utilizado na construção de quase todos os seus contextos situacionais (mesmo aqueles considerados “sociais polidos” ou “formais”), o *na* se restringe às condições de intimidade e informalidade entre um locutor do sexo masculino e seu interlocutor (que deve ser do mesmo nível social ou menos graduado do que o locutor que o enuncia).

e. *proibição ou ordem* (perlocucional c)

De uso exclusivamente masculino, o morfema final *na* pode exprimir modalidade prescritiva de proibição ou ordem, atribuindo ao enunciado um tom de intimidade do locutor para com o destinatário (o qual deve ser do mesmo nível ou subalterno ao locutor):

- (69) *Riyôshite kureyo. Aseruna.* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 61)
(Utilize à vontade. “Não se afobe/em procurar outro lugar para morar/”.)
(70) *Ashita ekimade mukaeni itteyarukara katte tede mottekina.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 164)
(Compra e traze na mão, porque, amanhã, vou te buscar na estação.)

f. *ênfase no pedido* (perlocucional c)

De uso geralmente feminino, o morfema final *na*, ligado à expressão *kudasai* (forma imperativa do verbo *kudasaru*, que se transforma em pedido em função do seu valor semântico “fazer o favor de”, “fazer algo em meu benefício”), atribui ênfase ao pedido formulado pelo locutor:

- (71) *Dôshitemo itte moraitai tokoroga arunode, massugu kaette kudasaina.* (Mukouda, *Biriken*, p. 40)
(Por favor, *peço* para voltar direto /do trabalho/, porque há um lugar aonde quero que vá junto comigo, de qualquer jeito.)

Embora de uso feminino, a função de *na*, com esse sentido, restringe-se a contextos situacionais que registram intimidade entre o locutor e o destinatário. Com efeito, o enunciado focado é proferido pela mulher, que se dirige ao marido (uma pessoa que lhe é bastante íntima, a quem não necessita dirigir-se de maneira tão formal), pedindo-lhe que volte cedo.

12. *ne, nee*

Os vários sentidos modais expressos pelo morfema final *ne* e sua variante *nee* dependem de vários fatores situacionais: se o locutor é do sexo masculino ou feminino, a idade dos interlocutores, sua posição social, o grau de intimidade entre eles e a formalidade ou informalidade da situação. São aspectos que determinam a complexidade ou sutileza com que o falante elabora as relações interpessoais.

O morfema final *ne* é um componente de uso tanto masculino quanto feminino, observando-se, contudo, certas diferenças e restrições quanto às categorias lexicais a que se ligam: empregada por um locutor do sexo masculino, o *ne* pode ligar-se, por exemplo, ao auxiliar verbal *da* (de afirmação) e ao morfema final *ka* (de dúvida); no caso do locutor feminino, o *ne* liga-se aos morfemas finais *wa* e *yo* (que tornam a afirmação mais delicada e branda). Para facilitar a compreensão, veja-se o quadro mais completo, a seguir:

<i>linguagem masculina</i>	<i>linguagem feminina</i>
- verbo ou adjetivo, em suas formas terminativas + <i>ne</i> Ex.: <i>Yoku shaberune.</i> (Fala muito, <i>não?</i>) <i>Utsukushiine.</i> (É bonito, <i>não?</i>)	- forma terminativa acrescida do morfema <i>wa</i> (<i>wa</i> + <i>ne</i>) Ex.: <i>Yoku shaberuwane.</i> (Fala muito, <i>não?</i>) <i>Utsukushiwane.</i> (É bonito, <i>não?</i>)
- aux. verbal <i>da</i> + <i>ne</i> Ex.: <i>Shizukadane.</i> (Está calmo, <i>não?</i>)	- aux. verbal <i>da</i> + <i>wa</i> + <i>ne</i> Ex.: <i>Shizukadawane</i> (Está calmo, <i>não?</i>)
- auxiliar verbal <i>desu</i> ou <i>masu</i> + <i>ne</i> Ex.: <i>Utsukushiidesune</i> (É bonito, <i>não?</i>) <i>Ikimasune.</i> (Vai, <i>não?</i>)	- aux. verbal <i>desu</i> ou <i>masu</i> + <i>ne</i> Ex.: <i>Idem</i> ao uso masculino <i>Idem</i> ao uso masculino.

<p>- não se usa com <i>wa</i></p>	<p>- aux. verbal <i>desu</i> + <i>wa</i> + <i>ne</i> Ex.: <i>Utsukushiidesuwane.</i> (É bonito, <i>não?</i>) <i>Ikimasuwane.</i> (Vai, <i>não?</i>)</p>
<p>- não se usa ligado a verbos de polidez, na forma imperativa</p>	<p>- forma imperativa de verbos polidos ou do auxiliar verbal de polidez + <i>ne</i> Ex.: <i>Irasshaine.</i> (Venha, <i>viu?</i>) <i>Oidenasaimashine.</i> (Venha, <i>está bem?</i>)</p>
<p>- substantivo + <i>da</i> + <i>ne</i> Ex.: <i>Takai yamadane.</i> (É uma montanha alta, <i>não?</i>)</p>	<p>- substantivo + <i>ne</i> (sem <i>da</i>) Ex.: <i>Takai yamane.</i> (É uma montanha alta, <i>não?</i>)</p>
<p>- morfema final <i>ka</i> + <i>ne</i> Ex.: <i>Sôkane.</i> (Ah, <i>é?</i>)</p>	<p>- não se usa ligado ao morfema <i>ka</i>; substitui-se por <i>kashira</i> + <i>ne</i> Ex.: <i>Sôkashirane.</i> (Ah, <i>é?</i>)</p>
<p>- morfema final <i>sa</i> + <i>ne</i> Ex.: <i>Taberusane.</i> (Vai comer, <i>não é?</i>)</p>	<p>- não se usa ligado ao morfema <i>sa</i></p>
<p>- não é usado; morfema final <i>yo</i> + <i>ne</i> substitui-se por <i>da</i> + <i>ne</i> Ex.: <i>Kyôdane.</i> (É hoje, <i>né?</i>)</p>	<p>- morfema final <i>yo</i> + <i>ne</i> Ex.: <i>Kyôyone.</i> (É hoje, <i>né?</i>)</p>

Como se pode verificar pelo quadro, as regras e convenções que orientam os diferentes usos do morfema enfocado estabelecem os vários modos ou tipos de relações sociais entre os falantes da língua japonesa e obrigam o locutor a enunciar, sempre em função das leis da polidez. Verifica-se, por exemplo, que um locutor do sexo feminino não deve empregar o morfema final *ne*, diretamente acoplado ao morfema *ka* (de dúvida), mas substituindo esse *ka* por *kashira* – um morfema que torna a dúvida mais branda e delicada.

De qualquer maneira, seja na linguagem masculina ou feminina, o morfema final *ne* caracteriza-se por exprimir um relacionamento de intimidade entre os interlocutores e não deverá ser empregado em situações que exigem muita formalidade, sobretudo se não vier acompanhado de uma expressão de polidez ou de respeito. Paradoxalmente, contudo, ocorre um fato interessante: mais do que exprimir os sentimentos do locutor, o morfema final *ne* caracteriza-se por atenuar seus julgamentos e opiniões, pois traz, em sua base, a função de pedir a adesão ou a confirmação do destinatário. Buscar a adesão do destinatário

significa, em última instância, um recurso discursivo que faz parte das estratégias de polidez; é um modo de respeito ao destinatário, uma forma através da qual o locutor procura demonstrar que não impõe ao seu interlocutor a sua própria vontade mas, ao contrário, que leva em consideração suas opiniões, reconhecendo-lhe certa liberdade de julgamento. É evidente que existem formas ainda mais eficazes de respeitar o destinatário – por exemplo, fazer uso do questionamento (em vez da asserção) em que o locutor não expressa suas próprias opiniões –, mas parece inegável que o pedido de adesão se afigura como uma das muitas estratégias de respeitar o destinatário.

Em decorrência dessas relações referentes à questão da polidez, dir-se-á que o morfema *ne* é um dos mais amplamente empregados na conversação, exatamente por atribuir ao enunciado certo grau de delicadeza e polidez dirigido ao destinatário.

Tendo sempre em mente a idéia de que o morfema final *ne* inscreve no enunciado a atitude do locutor em submeter suas opiniões à apreciação do destinatário, verifiquemos as modalidades para as quais o locutor pede adesão:

a. ênfase branda da asserção (perlocucional b)

Nas formas *ne* ou *nee* (forma alongada, que intensifica a modalidade), o morfema final, neste caso, tem a função de acrescentar certos tipos de emoção ou atitude do locutor, com relação à afirmação que tenta transmitir para o destinatário:

a.1. tristeza, admiração, desaprovação, desprezo, ironia

(72) *Dômo watashitachino mawariwa itsumo shide ippaine. Watashino ryôshin, ojûichan, obaachan... Yûichio unda okaasan, sonoue Erikosannante sugoine. Uchû hiroschito iedomo konna futariwa inaiwane.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 82)

(Não sei porque nós estamos sempre rodeados de morte. Meus pais, meu avô, minha avó... Sua mãe, Yûichi, e, além disso, a senhorita Eriko, é demais, né? Embora se costume dizer que o mundo é grande, é difícil encontrarmos alguém assim como nós dois, né?)

(73) Yûichi: [...] *sakebakari nondeta. [...] Sonna kôfukuo [...] kitaisurunoga kowakatta.*

[...] *wakattera moyôni setsumeisuru jishinmo konkimonakatta.*

([...] só bebia. [...] Tinha medo de aspirar a uma felicidade dessas.

[...] tampouco, não tinha nem confiança e nem paciência de explicar para ser compreendido.)

Mikage: *Antatte hontôni sô iu kone.*

(Realmente, você é uma pessoa assim mesmo, não é?)

(74) *Komattahitone, mô. Ittai ikutsuni nattano?* (Murakami, *Futagoto Shizunda Tairiku*, p. 125)

(Mas não toma jeito mesmo! Afinal de contas, quantos anos você já tem?)

(75) *Atashino hōni mawatte konaiwakeda. Hitoride futari tsukamaeteru nomo irundesumonnee.* (Mukouda, *Sankaku Nami*, p. 61)

(É claro que não sobra nenhum para mim. Tem gente que, sozinha, está prendendo dois /homens/, né?)

Entendendo-se o morfema *ne* como elemento que enfatiza a tristeza do locutor (72) ou a sua surpresa (*sugoine*), a desaprovação (73), o desprezo (74), ou ainda, a ironia (75), verificamos que, através dele, o locutor procura chamar a atenção do destinatário para suas emoções, reiterando o compartilhamento da informação contida no enunciado. Em função da natureza das modalidades enfatizadas pelo morfema *ne* nestes casos – isto é, ênfase na asserção e, portanto, nas crenças do locutor –, poder-se-ia admitir-lhe uma função perlocucional da classe *a*, sob a alegação de que ele constrói uma relação locutor/conteúdo proposicional mais forte do que a relação locutor/destinatário. Contudo, optamos por propor, ao morfema *ne*, a função básica da classe *b* dos perlocucionais, reconhecendo-lhe o papel primordial de “pedir a adesão do destinatário” para o que está sendo enunciado. O argumento proposto parece ficar ainda mais validado se se levar em conta que o morfema *ne* constrói modalidades cujos conteúdos informativos são compartilhados e de conhecimento do destinatário. Basta verificarmos os exemplos dados: a experiência da morte, no enunciado (72), o medo, a falta de confiança que são objeto de desprezo ou desapontamento do locutor (73), as atitudes desastradas do interlocutor a que se refere o locutor de (74), os dois namorados que o interlocutor de (75) mantém para si constituem informações compartilhadas pelos interlocutores dos diálogos; não se trata de informações novas. O mesmo processo ocorrerá com as modalidades a seguir:

a.2. emoção/inveja, desejo

(76) *Dôfûshita monowa watashino zaisanno subeteyo. [...] Maa dotchini shiro miseigaiwa minna antano mono. Hitorikkotte iiwane.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 85)

(O que coloquei no envelope é toda a minha fortuna. [...] Bem, de qualquer forma, tudo, exceto o bar, é seu. Como é bom ser filho único, não?)

(77) *Sebiroyoka gunpukuo kisete mitainee.* (Mukouda, *Sankaku Nami*, p. 54)
(Do que terno, gostaria de vestir-lhe um uniforme militar, sabe?)

a.3. amolação, raiva

(78) Irmão mais velho: *Iyani karamune. Seirika nanikanano?*

(Você está chata, não? Está naqueles dias?)

Irmã: *Urusaiwane. Henna koto iwanaideyo. Antani sonna koto iwareru iwarewa naindakara.* (Murakami, *Famirii Afea*, p. 67)

(Não amole, tá? Não fale bobagem. Não há razão que lhe dê o direito de me dizer uma coisa dessas.)

a.4. asserção enfática, ênfase na emoção

(79) *Anokone, kinô yonakani miseni kite, ah, nemurenai! -tte iuno. [...] kibara-*

shini dokokae ikoutte. Aah, kanchigaishinaidene. Henna kankeijanakute maa oyakone, oyako. (Yoshimoto, *Mangetsu* p. 131)

(Ele, sabe, veio ao bar, tarde da noite, e disse “ah, não consigo dormir!”. Disse “vamos para algum lugar, para espairecer”. Ai, não confunda, tá? Não se trata de uma relação condenável; bem é relação de mãe e filho, mãe e filho, tá?)

- (80) *Ojisan, kore oishiidesune!* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 144)
(Moço, isto é gostoso, né?)

b. *dúvida, hesitação* (perlocucional b)

Ligado ao morfema *ka*, que exprime dúvida, o morfema final *ne* adquire a função modal de enfatizar o sentido de dúvida contido no enunciado, remetendo-o em direção ao destinatário:

- (81) Avó: *Hora, Yukichan, hikôsen. Mitegorannasai. Kireidayo.*
(Olha, Yuki, uma aeronave. Veja. É bonito.)

Neto: [...] *Are hikôsenjanaimon.*

([...] Aquilo não é uma aeronave, tá?)

Avó: *Sôdattakane.* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 55)
(Será?...)

- (82) Yûichi: *Nanika /waapurode/ utte hoshii mono aru?*

(Você /tem alguma coisa que quer que digite no *word processor*?)

Mikage: *Sônee.* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 44)
(Bem.../Não sei.../)

Os sentidos de dúvida ou hesitação, ligados, à primeira vista, apenas à função ilocucional, são aqui considerados como perlocucionais (da classe b), em função da própria natureza do morfema final *ne*, que se exige, enquanto componente que exprime pedido de adesão, a presença do destinatário. A questão se torna ainda mais clara e justificável se recorrermos ao critério da “área de domínio da informação”, isto é, à constatação de que o conteúdo informativo do enunciado, focado por *ne*, é compartilhado tanto pelo locutor quanto pelo destinatário, pertencendo a um mesmo campo de domínio (a “área do nós”).

c. *pedido, convite, ordem* (perlocucional b)

O morfema final *ne* pode, ainda, enfatizar ou chamar a atenção do destinatário para as modalidades petitivas, convidativas e imperativas, invocando-lhe sua adesão:

- (83) [...] *hayaku kaette kitene.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 88)
(Por favor, volte logo, está bem?)

- (84) *Bokutachi shibarakuno aidadake wakarete miyoune.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 122)
(Vamos experimentar separar-nos, só por algum tempo, tá?)

- (85) *Kurumade ikinasaine.* (*Idem.*)
(Vá de carro, tá?)

d. *pedido de confirmação, questionamento* (perlocucional c)

Retomando o conteúdo narrado pelo parceiro no diálogo, o locutor poderá pedir uma confirmação daquilo que foi anteriormente enunciado:

(86) Mikage: *Yûichi, yoku kangaete miruto futaride kissatenni haittanowa hajimetedato omowanai? Sugoku fushigidakedo.*

(Yûichi, pensando bem, você não acha que é a primeira vez que entramos numa casa de chá, nós dois? Embora seja muito estranho...)

Yûichi: *[...] iwarete miruto sôdane.*

(Por falar nisso, é isso mesmo.)

Mikage: *Ne? hendeshô?* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 119)

(Não é? Não é estranho?)

(87) *Bokuno iitaikoto wakarune?* (Murakami, *Futagoto Shizunda Tairiku*, p. 134)

(Você entende o que quero dizer, não é?)

Em decorrência da sua função primordial, qual seja, a de formular um “pedido de adesão ou de confirmação do destinatário”, o morfema final *ne* constrói, na maioria das vezes, uma forma de questionamento, muitas vezes caracterizada pela entonação (ascendente) dada ao enunciado.

Dissemos, anteriormente, que o morfema final *ne* atribui ao enunciado assertivo um sentido de ênfase. Entretanto, é preciso ressaltar que, dependendo do contexto, o morfema *ne* pode veicular uma atenuação da afirmação, sobretudo quando empregado em frases que exprimem concordância com aquilo que foi enunciado antes. Exemplo:

(88) A: *Zôga kieteshimaunante darenimo yosoku dekinaimono.*

(Também, ninguém pode prever que um elefante vá /simplesmente/ desaparecer...)

B: *Sôdane. Sôkamoshirenai.* (Murakami, *Zôno Shômetsu*, p. 54)

(É sim. Talvez seja isso.)

13. *no*

Caracterizando-se por ser um morfema final de uso fundamentalmente feminino, *no* exprime:

a. *atenuação ou ênfase da afirmação* (perlocucional a)

Configurando contextos situacionais de intimidade ou informalidade, o morfema *no* atribui ao enunciado um abrandamento da asserção, tornando-a mais suave e delicada.

(89) *[...] demo jinseiwa hontôni ippen zetsubôshinaito [...] hontôni tanoshii koto-ga nanika wakannai uchini ôkiku natchauto omouno.* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 68)

([...] mas, a vida, se não se tem, em certo momento, realmente uma desilusão, [...] acho que se acaba crescendo, sem que se conheça verdadeiramente o que seja alegria, *sabe?*)

Embora se considere comumente o morfema final *no*, deste caso, como um componente modal de uso exclusivamente feminino, no *corpus* levantado, encontramos pelo menos dois exemplos de enunciados veiculados por locutores do sexo masculino, o que nos leva a crer em seu forte poder de construção de contextos que determinam intimidade e proximidade por parte do locutor em relação a seu destinatário. No caso do emprego masculino, *no* parece – mais do que atribuir delicadeza e suavidade à asserção – indicar essa proximidade psicológica (e social) do locutor com o seu interlocutor, veiculando, inclusive, um valor modal que enfatiza a asserção. Aliás, Toshiko Tanaka⁵ já admitia uma função de afirmação enfática em *no*, distinguindo enunciados como

- *Kuyakushoe mairimasuno*. (atenuação)
(Vou à Prefeitura, *sabe?*)
- *Kyôwa dôshitemo nomuno*. (ênfase, “deixando clara uma intenção forte”)
(Hoje vou beber de qualquer jeito!)

A autora, contudo, não chega a destacar um uso masculino de *no*.

Diante do exposto, contrariando a maioria dos estudos, considerar-se-á uma função atenuadora e uma função enfática do morfema *no*, destacando-lhe a possibilidade do uso masculino, a qual poderá ser constatada pelos exemplos abaixo:

(90) *Kimino ittamonoo zenbu kattarasaa, kokomade hitoride motte korarenaino. Ôsugite*. (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 95)
(Comprando tudo que você pediu, não conseguia trazer até aqui sozinho, *sabe?* Por ser muito...)

(91) [...] *Kataimonoga hoshikute, saigowa meshidarô!-to mattetara chagayude-yan*no. (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 141)
(Queria algo mais consistente e pensava “certamente, por último, vem um arroz!”, mas, desgraçadamente, apareceu uma papa de arroz regada a chá!)

O morfema final *no* dos enunciados enfocados (90 e 91) engloba, inclusive, uma nuance de queixa do locutor, ligando-se, no segundo caso, ao sufixo verbal *yagaru* (na forma degenerada *yan*), que exprime raiva, desprezo e que atribui, ao enunciado, um tom rude e grosseiro.

Considerar-se-á, então, o morfema final *no* como um operador modal que, dependendo do contexto, pode veicular atenuação ou ênfase da asserção.

b. *questionamento* (perlocucional c)

Empregado tanto por locutor do sexo masculino quanto feminino, o morfema final *no* pode ainda construir modalidade interrogativa na qual se distin-

5. *Idem, ibidem*.

guem dois tipos: o simples questionamento e o questionamento acrescido do sentido de indignação. O enunciado (92), a seguir, representa o primeiro tipo e o (93), o segundo:

(92) *Nee, watashio miteruno? Soretomo nanika kangaegoto shiteruno?* (Murakami, *Futagoto Shizunda Tairiku*, p. 122)

(Escuta, você está me olhando? Ou está absorto em algum pensamento?)

(93) *Nante koto iuno? Mamaga dôshite sonna koto suruno?* (Mukouda, *Funa*, p. 29)

(O que é que /você/ está dizendo? Por que mamãe faria uma coisa dessas/colocar

c. *ordem, proibição* (perlocucional c)

De uso fundamentalmente feminino, o morfema final *no* exprime prescrição (ordem ou proibição), acrescentando ao enunciado a atitude de proximidade do locutor para com o seu destinatário.

(94) *Soshite anatawa ten'inni jûo tsukitsukete, zenbuno jûgyôinto kyakuo ikkashoni atsumesaseruno. Soreo subayaku yaruno.* (Murakami, *Pan'ya Saishûgeki*, pp. 24-25)

(E, então, *aponte* a arma para o gerente e *mande* reunir todos os funcionários e fregueses num único lugar. *Faça* isso rapidamente.)

(95) *Sonna abunaikoto shinaino.*

(*Não faça* coisas perigosas como essa.)

A prescrição é, muitas vezes, expressa pelo morfema final *noyo* (a rigor, a forma *noyo* é a sobreposição do morfema *no* + *yo*⁶), enfatizando o sentido de ordem ou de proibição, como se o locutor estivesse chamando a atenção do destinatário e reiterando essas modalidades:

(96) *Ii? Watashino yû tôrini surunoyo.* (Murakami, *Pan'ya Saishûgeki*, p. 24)

(Veja bem. *Faça* exatamente como eu disser, *tá bem?*)

Convém citar, ainda, a forma *noo* – um morfema final empregado por pessoas idosas do sexo masculino –, que exprime emoção ou admiração:

(97) *Kotoshiwa sakuraga zuibun kireini saitanoo.*

(*Ah*, como, este ano, a flor de cerejeira floresceu bonita!)

14. *mono, monoka* (*monka*)

O morfema final *mono*, tanto de uso masculino quanto feminino, acrescenta vários valores modais à afirmação – tais como: queixa, descontentamento, ressentimento etc. – e veicula modalidades emotivas e apelativas, além da noção de obrigatoriedade. Quando empregado por locutores do sexo feminino, pode atribuir ao enunciado um tom “coquete” Exprime:

6. O morfema final *yo* será tratado no item 16 desta parte.

a. *emoção* (perlocucional *a*)

(98) *Shiranai. Are hikôsenjanaimon.* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 55)

(Não interessa. Aquilo não é uma aeronave, tá!) – “descontentamento”, “desprezo”.

b. *apelo* (perlocucional *b*)

(99) *Datte sugoku itaindesumono.*

(*Mas também, está doendo muito!*) – “queixa”, “pedido de atenção”

(100) *Hitono ken'osuruyôna kotoo wazato shite, hitono kio hikôto suru hito, [...] watashiniwa sonna kimochiga wakaranai [...] Datte watashi, karadao hatte akaruku ikite kitandamon⁷. Watashiwa utsukushiiwa. Watashi kagayaite iru.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 84).

(Pessoas que procuram chamar nossa atenção, fazendo, de propósito, aquilo que detestamos [...], eu não entendo essa forma de agir. *Também, sempre vivi de peito aberto (altivamente), alegremente... Eu sou linda! Eu tenho brilho!*) – “ressentimento”, “pedido de compreensão”.

Os enunciados enfocados ressaltam, ainda, outra característica de *mono*, qual seja, a de introduzir no enunciado uma razão ou justificativa para os sentimentos de queixa, descontentamento ou ressentimento.

Como forma derivada de *mono*, ressalte-se o morfema final *monoka* (ou *monka*), que inscreve no enunciado as funções de uma pergunta retórica. A pergunta retórica é entendida como uma modalidade que constrói fundamentalmente as funções dos perlocucionais da classe *a*, isto é, a de veicular a interpretação do locutor (claro que fazendo apelo ou confiando no senso comum, do qual também deverá ser possuidor o destinatário) à qual não permite atribuir ao destinatário uma chance de resposta ou de elaboração de um novo julgamento. Sendo de uso exclusivamente masculino, o morfema final *monoka* acrescenta, ainda, à pergunta retórica um tom de indignação:

(101) *Darega ikamonoka* (KKK, p. 134)

(Quem é que vai?/Ninguém vai./ Eu é que não vou./)

Convém ainda ressaltar que os morfemas finais *mono* e *monoka* constroem situações convencionais de intimidade entre os interlocutores, não devendo ser empregados em circunstâncias nas quais se exigem formalidade e polidez.

15. *ya, yara*

De uso exclusivamente masculino, o morfema final *ya* constrói contextos convencionais de intimidade, exprimido:

7. *Mon* é a forma degenerada do morfema final *mono*.

a. *afirmação branda* (perlocucional a)

(102) *Maa iiya. Nantoka narudarô.*

(Bom, tudo bem. Dá-se um jeito.)

(103) *Imasara dô shiyômo naiya.*

(À esta altura, não tem mais jeito.)

b. *convite ou ordem enfáticos* (perlocucional c)

(104) *Nemuikara hayaku kaerôya.*

(Estou com sono; vamos embora logo, vai?)

(105) *Hayaku okiroya.*

(Levante-se logo, vai?)

Provavelmente originado da forma *ya-aramu* da língua clássica (*ya-aramu* > *yaran* > *yarau* > *yara*), com sentido de “coisa incerta” ou “duvidosa”, o morfema final *yara* exprime atitude de incerteza ou de imaginação do locutor:

(106) *Hitoride nanio shite iruyara.*

(Quem sabe o que está fazendo agora...)

(O que estará fazendo agora...)

Yara implícita o encadeamento “não se sabe” e pode ser tanto de uso masculino quanto feminino.

16. *yo*

O morfema final *yo* tem como função básica enfatizar o enunciado que o contém. Contudo, dependendo do contexto no qual se encontra inserido, exprime nuances diferentes:

a. *ênfase da asserção* (perlocucional a)

A função enfática de *yo*, nestes casos, acrescenta ao enunciado a atitude do locutor em demonstrar sua certeza, procurando convencer o destinatário, instruindo-o, ou advertindo-o dessa certeza. Nesse sentido, pode reforçar um desejo, uma pergunta retórica, um aviso (que poderá até tomar contornos de ameaça), ou ainda, introduzir sentido de indignação ou insatisfação. Exemplo:

(107) *Watashi Yûichino kaoo mite hanashiga shitainoyo.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 75)

(Eu quero conversar /com você/, Yûichi, vendo o seu rosto, viu?)

(108) *Kudamonoyano oyajino bunzaide shasetsunankaga wakarunokayo.* (Mukouda, *Biriken*, p. 36)

(É possível entender um editorial de jornal, sendo um mero vendedor de frutas? /Claro que não, né?/)

- (109) *Damaranaito bagguo buttsukeruwayo*. (Murakami, *Famirii Afea*, p. 68)
 (Se não se calar, eu lhe acerto a minha bolsa, *hein?*)
- (110) *Dôshite hitono baggunanka nozokunoyo!* (Murakami, *Famirii Afea*, p. 76)
 (Por que é que (você) fica fuçando a bolsa dos outros, *hein?*)

b. *pedido de adesão ou compreensão* (perlocucional b)

- (111) *Mikageno kotowa zutto atamani attanda. Korewa hontôdayo*. (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 81)
 (Eu sempre tinha a Mikage na cabeça. Isto é verdade, *viu?*)

c. *questionamento* (perlocucional c)

Ligado a uma expressão interrogativa, o morfema final *yo* exprime um questionamento que contém sentido de desaprovação ou indignação do locutor. Exemplo:

- (112) Contexto: O irmão mais velho, procurando interromper a conversa desagradável com a irmã, sobre o namorado, a quem não nutria nenhuma simpatia, diz: *Sate* (Bom...), como se quisesse dizer “vou sair” ou “vou cuidar da minha vida”. A irmã, indignada, continua:

“*Sate*”-*tte nanyo?* (Murakami, *Famirii Afea*, p. 79)
 (Como assim, “bom...”?)

d. *ênfase do sentido de ordem, pedido e permissão* (perlocucional c)

- (113) *Sonna koto honninni kikeyo*. (Murakami, *Famirii Afea*, p. 84)
 (Essas coisas, pergunte para a própria pessoa envolvida, *tá?*)
- (114) *Onegai, ichinchide iikara tsukiattetyo*. (Murakami, *Famirii Afea*, p. 87)
 (Por favor, faça-nos companhia, nem que seja um dia só, *vai?*)
- (115) [...] *shôjikini itte iiyo*. (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 47)
 (Pode falar com sinceridade, *viu?*)

A função de reforçar uma ordem, pedido ou permissão assemelha-se muito ao papel desempenhado pelo morfema final *ya*, descrito no item anterior, com a diferença de que este atribui ao enunciado um tom mais rude do que o morfema *yo*. E isso se justifica em função do uso restrito de *ya* por locutores do sexo masculino, enquanto *yo* pode ser empregado também por falantes do sexo feminino.

Embora o morfema final *yo* possa ser usado por locutores de ambos os sexos, obedece a uma regra que determina as categorias lexicais às quais pode ligar-se, conforme seja de uso masculino ou feminino. Assim, tem-se:

<i>categorias lexicais</i>	<i>uso masculino</i>	<i>uso feminino</i>
- substantivo, advérbio, semi-substantivo	+ <i>dayo</i> Ex.: <i>Inudayo.</i> (É um cão, viu?) <i>Tashikadayo.</i> (É certeza, viu?) <i>Shizukadayo.</i> (Está calmo, viu?)	+ <i>yo</i> Ex.: <i>Inuyo.</i> (É um cão, viu?) <i>Tashikayo.</i> (É certeza, viu?) <i>Shizukayo</i> (ou <i>dawayo</i>). (Está calmo, viu?)
- forma terminativa do verbo e adjetivo	+ <i>yo</i> Ex.: <i>Ikuyo.</i> (Vou, viu?) <i>Ôkiiyo.</i> (É grande, viu?)	+ <i>wayo</i> Ex.: <i>Ikuwayo.</i> (Vou, viu?) <i>Ôkiiwayo.</i> (É grande, viu?)
- forma imperativa do verbo	+ <i>yo</i> Ex.: <i>Ikeyo.</i> (Vá, tá?)	- só se junta a verbos de polidez Ex.: <i>Ikinasaiyo.</i> <i>Irasshaiyo.</i> (Vá, tá?)
- morfema <i>na</i> (proibição)	+ <i>yo</i> Ex.: <i>Ikunayo</i> (Não vá, viu?)	X
- morfema <i>ka</i> (dúvida)	+ <i>yo</i> (perg. retórica) Ex.: <i>Ikerukayo.</i> (Dá para ir?/Não dá/)	X
- forma adverbial do adjetivo	+ <i>dayo</i> Ex.: <i>Hayakudayo.</i> (Rapidamente, viu?)	+ <i>yo</i> Ex.: <i>Hayakuyo.</i> (Rapidamente, viu?)
- conectivo <i>kara</i> (causa)	+ <i>dayo</i> Ex.: <i>Abunaikaradayo.</i> (É porque é perigoso, tá?)	+ <i>yo</i> Ex.: <i>Abunaikarayo.</i>

- <i>naide</i> (pedido negat.)	X	+ <i>yo</i> Ex.: <i>Ikanaideyo.</i> (Não vá, por favor, tá?)
- <i>te/de</i> (pedido)	X	+ <i>yo</i> Ex.: <i>Itteyo.</i> (Vá, por favor, tá?) <i>Yondeyo.</i> (Leia, por favor, tá?)
- morfema <i>no</i> (afirmação)	X	+ <i>yo</i> Ex.: <i>Ittanoyo.</i> (Eu fui, viu?)
- morfema <i>koto</i> (ordem)	X	+ <i>yo</i> Ex.: <i>Mô ikanaikotoyo.</i> (Não vá mais, tá?)

Como se pode constatar pelo quadro apresentado, há formas específicas para cada caso, observando-se certos empregos exclusivamente masculinos e femininos. Qualquer transgressão dessas regras provocará uma infração indesejável das leis conversacionais convencionalmente estabelecidas. A desobediência a essas leis praticada pelo falante do sexo feminino acarretará a infração da lei da polidez – dizer, por exemplo, *ikunayo* (Não vá, viu?), provocará uma sensação desagradável no destinatário, em função do tom grosseiro que encerra o enunciado, quando proferido por uma mulher. Da mesma forma, o uso de formas femininas por locutores do sexo masculino provocará estranheza e sensação desagradável no interlocutor.

O morfema final *yo*, contudo, em ambos os casos – uso feminino ou masculino –, encerra um tom de intimidade, sendo empregado pelo locutor para dirigir-se a pessoas do seu nível social, ou a pessoas subalternas ou de classes sociais inferiores (e, aqui, inclui-se também o fator idade: só poderei, enquanto locutor, empregar *yo* para me dirigir a pessoas da minha faixa etária ou para pessoas mais novas que eu).

Convém ressaltar, ainda, que o morfema *yo* sempre antecede o morfema *ne*, em função do seu grau de perlocução: *yo* contém características da classe *a* dos perlocucionais (expressão do julgamento do locutor direcionado ao desti-

natário) e *ne* exprime, fundamentalmente, a perlocução *b* (pedido de adesão ou concordância do destinatário).

17. *ro*

Por muitos considerado parte integrante da forma imperativa dos verbos, o componente *ro* será por nós considerado morfema final. Ligando-se à forma *mizenkei*⁸ dos verbos regulares terminados em *eru* (*shimoichidan katsuyô*), *iru* (*kamiichidan katsuyô*) e ao verbo irregular *suru* (*sahen*), o morfema final *ro* exprime modalidade imperativa, de uso exclusivamente masculino. Como tal, constrói no enunciado uma ordem de tom bastante rude ou de intimidade extrema entre os interlocutores. Exemplo:

(116) *Kio tsukero!*

(*Tome cuidado!*)

(117) *Shikkari ikiroyo.* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 43)

(*Viva com coragem, tá?*)

Convém ressaltar que *ro* vem, muitas vezes, acompanhado de outro morfema final, *yo*, que atenua um pouco o tom rude da modalidade imperativa (enunciado 282).

18. *wa, waa, wayo, wane*

O morfema final *wa* acrescenta ao enunciado as seguintes modalidades:

a. *leve ênfase* (perlocucional *a*)

De uso exclusivamente feminino, *wa* atribui ao enunciado uma ênfase branda no seu conteúdo, tornando, ao mesmo tempo, mais delicada e harmoniosa a asserção. Nesse sentido, pode enfatizar a afirmação, a negação, a não-necessidade, o desejo. Exemplo:

(118) *Sukoshi arubaitoo sureba pan'ô teni ireru kuraino kotowa dekitahazudesho? Dô kangaetemo sono hôga kantandawa. Pan'yao osottarisuruyoriwane.* (Murakami, *Pan'ya Saishûgeki*, p. 15)

(Se tivesse feito algum “bico”, devia ter sido possível comprar um pouco de pão, não é? Por mais que eu pense, essa é a forma mais simples. Mais do que assaltar uma casa de pães, né?)

8. Considera-se comumente o *mizenkei* como sendo a forma de flexão verbal que constrói a veiculação de “um fato ainda não ocorrido”, ligando-se, portanto, aos auxiliares verbais *u/you* (que exprimem volição, convite, suposição) e *nai, nu* (negação). Propõe-se, aqui, uma ampliação da função do *mizenkei*, isto é, atribuindo-lhe a propriedade de ligar-se ao morfema final *ro*, construindo uma expressão imperativa. (Cf. também posição de Hideo Suzuki, 1976.)

- (119) Marido: *Sorewa noroijanakute bokujishinnanokamo-shirenaiyo.*
 (Talvez isso não seja uma maldição, mas algo comigo próprio.)
 Esposa: *Sôjanaiwa. Sôjanai kotowa watashini chanto wakarunoyo.* (Murakami, *Pan'ya Saishûgeki*, p. 21)
 (Não é isso não! Eu sei muito bem que não é isso!)
- (120) *Yûichi, sonnani ippenni kangaenaideiwa.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 102)
 (Yûichi, /você/ não precisa pensar, assim, em tudo, de uma só vez.)
- (121) *Nemukunankanaishi pan'ya shûgekino hanashio kikitaiwa.* (Murakami, *Pan'ya Saishûgeki*, p. 16)
 (Eu não estou com sono e, além disso, quero ouvir a história do assalto à casa de pães.)

Embora se tenha atribuído ao morfema *wa* a função de ênfase, é preciso admitir-lhe, por outro lado, um papel atenuador da intencionalidade do locutor. Quando se diz que *wa* enfatiza, está-se querendo dizer que o faz de forma branda e delicada. E a delicadeza, deve-se convir, é, em japonês, uma forma ou uma estratégia que o locutor emprega para atenuar a explicitação de suas vontades e crenças. É conveniente lembrar que Toshiko Tanaka⁹ admite dois tipos de força modalizadora para *wa*: a modalidade fraca, inscrita em casos como: *Sône, kangaete miruwa* (Bem, vou pensar), no qual se inscreve um tom de afirmação suave, brando e delicado, e a modalidade forte, observada nos enunciados que veiculam insistência ou ênfase na afirmação, como, por exemplo, na fala da vendedora que diz: *Okangaeni natteru aidani ureteshimaimasuwa* (Enquanto /o senhor/ fica pensando, vai acabar sendo vendido), ou: *Soredewa kô shimashô. Futsukakandake otorishite okimasuwa* (Então, vamos fazer o seguinte: vou guardar /para o senhor/ apenas por dois dias). O *wa*, no segundo caso, funcionaria, então, como uma forma de pressão da vendedora sobre o consumidor, daí a função enfática intensa e forte.

De acordo com a proposta da autora, seria preciso opor o enunciado *Sôjanaiwa*, focado no exemplo (284), a outro do seguinte tipo:

- (122) *Nakanaka omoshiroi ikendato omouwa.* (Murakami, *Zôno Shômetsu*, p. 51)
 (Acho que é uma opinião bastante interessante.),

no qual se verifica a intenção do locutor de atenuar e tornar mais delicada a afirmação contida em: *Nakanaka omoshiroi ikenda* (É uma opinião interessante), reforçando a modalização atenuadora, já contida no segmento *to omou* (acho que).

b. admiração, surpresa (perlocucional a)

Enquanto o valor modal de *wa* do caso anterior (ênfase branda na asserção) se caracteriza por transformar a asserção em forma delicada de expressão das intenções do locutor, em que se observa baixo grau de sentido de

9. Toshiko Tanaka, *Modaritiikara Mita Shûjoshi*, 1989, p. 89.

admiração, o morfema final *wa* deste grupo inscreve ao enunciado um grau intenso de atitude de admiração ou surpresa do locutor. A articulação da admiração ou surpresa é muitas vezes expressa por *waa*, forma alongada de *wa*, como recurso oral para intensificar esses valores modais.

(123) *Tsugainandawa* (Mukouda, *Sankaku Nami*, p. 52)
(Ah, é um acasalamento!)

(124) *Oishiiwaa! Sugoku*. (KKK, p. 293)
(Ah, é uma delícia! Extremamente...)

O valor modal de admiração é também expresso pela repetição do morfema final *wa* ligado a um sintagma idêntico:

(125) *Dômo watashitachino mawariwa shide ippaine. Watashino ryôshin, ojii-chan, obaachan... Yûichio unda okaasan, sono ue Erikosannante, sugoine. [...]* *Shinuwa shinuwa*.

(Não sei por que, mas perto de nós há muita morte. Meus pais, meu avô, minha avó... Sua mãe, Yûichi, que lhe deu vida, além disso, até a Senhorita Eriko, é demais, não? Como morre!)

c. *admiração, como experiência compartilhada, pedido de adesão* (perlocucional b)

Considerar-se-á a admiração veiculada pelo morfema final *waa* como pertencente à classe dos perlocucionais do grupo *b* em virtude do fato de que o conteúdo por ele narrado pertence tanto à área de domínio da informação do locutor quanto do destinatário (isto é, faz parte de uma experiência compartilhada). Ligado, ainda, ao morfema *ne* ou *yo*, o modalizador *wa* exprime uma admiração para a qual o locutor pede a adesão do destinatário.

(126) *Utsukushii otenkidesuwaa*.
(Ah, que tempo maravilhoso!)

(127) *Aa, Mikageo hikitotta koto! Arewa saikôni tanoshikattawane*. (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 85)
(Ah, o fato de ter adotado a Mikage! Aquilo foi uma felicidade extrema, não?)

Convém ressaltar que, em qualquer um dos casos citados acima, o morfema final *wa* constitui fator determinante na construção de contextos dialógicos nos quais se verificam relações de intimidade e informalidade entre os participantes do diálogo, característica essa observada mesmo no caso da atenuação ou da delicadeza no afirmar.

Embora se considere costumeiramente que *wa* é de uso feminino, é preciso reconhecer-lhe certos usos masculinos, sobretudo aqueles comumente empregados por locutores idosos (Ex.: *Korya hidoiwa!* = Isso é demais!) e aquele que parece estar se transformando, na língua moderna, em “linguajar da moda” entre os jovens rapazes (Ex.: *Yoku yûwa* = “Olha quem está falando!...”), expressando um tom de desafio ou desconfiança.

Cabe, ainda, registrar que, no encadeamento dos morfemas finais [*wa* + *yo* + *ne*], *wa* surge, na cadeia sintagmática, antecedendo os demais, na medida em que exprime, como função primordial, uma perlocução da classe *a*, isto é, uma atitude do locutor cuja experiência não é compartilhada pelo interlocutor. O morfema *yo*, em decorrência da sua função básica de pedir a adesão do destinatário, pospõe-se ao *wa* e antecede *ne*, por ser este último signatário da função modal *b* e *c* (pedido de adesão, questionamento e prescrição). Exemplo:

(128) *Kô iunotte seitôbôeide charani narundawayonee?* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 73)

(Nestes casos, a coisa é considerada legítima defesa e não dá em nada, não é?)

Os Morfemas Finais de Origem Conectiva

Além dos morfemas finais analisados anteriormente, há ainda uma categoria de componentes lexicais – os que tradicionalmente são denominados “conectivos” (*setsuzokujoshi*) – que merecem ser enfocados, enquanto formas que terminam as frases e, como tal, desempenham a mesma função dos morfemas finais. Em decorrência da função primordial de expressar modalidades (além da função sintática), procuraremos sustentar e comprovar a hipótese de que esses componentes, nesses casos, podem ser incluídos dentro da categoria dos morfemas finais. São eles: *te/-tte*, *shi*, *to*, *ba*, *tara/-ttara*, *kara*, *ga*, *keredo (mo)/kedo* e *noni*.

1. *te/-tte*

O morfema final *te/-tte*, oriundo da função conectiva de ligar duas orações por coordenação, é empregado com função de terminar o enunciado, exprimindo as seguintes modalidades:

a. *questionamento* – uso feminino (perlocucional *c*)

(129) *Tôkyôni irashita koto atte?*

(Já foi a Tóquio?)

b. *pedido* – uso feminino (perlocucional *c*)

(130) *Mada attakai uchini tabete mite.* (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 155)

(Experimente provar, /por favor/, enquanto ainda está quentinho.)

O sentido de pedido veiculado por *te* advém da implicação de *kudasai* – etimologicamente, o verbo *kudasaru*, “atribui a mim, como benefício”, na forma imperativa, donde parece ter surgido a noção de “pedido”, proveniente do sentido de “faça o benefício para mim”. O sintagma *te kudasai* (*te* = conectivo + *kudasai*) cristalizou-se sob forma de *te*, no final da frase, sugerindo a modalização de pedido.

c. *ordem* (perlocucional c)

O sentido de ordem parece ter a mesma origem do pedido. O reconhecimento de ambos, portanto, só pode ser realizado, tomando-se como base o contexto, ou mediante verificação do emprego de um outro morfema final, depois dele, com sentido de ordem.

- (131) /*Raamen*/ *tsukutte agerukara suwattena*. (Yoshimoto, *Mangetsu*, p. 154)
(*Fique sentado, porque vou lhe fazer um lúmen.*)

d. *alusão* (perlocucional a)

A modalidade alusiva   aquela a que o locutor recorre, para afirmar ou perguntar, valendo-se de afirma es de terceiros, livrando-se da responsabilidade de ter afirmado.

- (132) *Ino guaiga warukute nandaka tokubetsuno kanp yakuga irundatte*. (Murakami, *Futagoto Shizunda Tairiku*, p. 117)

(*Disse que precisa de um remédio homeopático especial, porque está com problemas estomacais.*)

- (133) *Kimi, imasa [...] Tanabekunno tokoni irundatte?* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 40)

(*  verdade /o que dizem/ que você está, agora, na casa do Tanabe?*)

Obs.: inclui também perlocucional c.

e. *implicita o* (perlocucional b)

O morfema final *te*, empregado em formas de sentido cristalizado, implica sentidos variados, mas de reconhecimento certo do destinatário, sem que haja necessidade do locutor em explicitá-los.

- (134) *Hajimemashite*. (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 19)

(*Prazer em conhecê-lo.*)

(*  a primeira vez que o vejo e.../*)

A expressão parece implicitar o sentido de *k eidesu* (“sinto-me honrado”).

O conhecimento do sintagma implicitado e, portanto, dos valores de respeito e polidez inseridos em *te* obriga, de certa forma,   participa o do destinatário na complementa o da mensagem do locutor.   essa a razão que nos levou a classificar o *te*, deste caso, no grupo dos perlocucionais do tipo *b* (no sentido de que exige a participa o do destinatário para que o sentido veiculado pelo enunciado se complete satisfatoriamente).

2. *shi* (perlocucional b)

O morfema final *shi* veicula ênfase ou implicita o.

- (135) *Demo m  sorosoro nenaika? Futaritomo asawa hayaindashi*. (Murakami, *Pan'ya Saish geki*, pp. 15-16)

(Mas, não está na hora de dormir? Amanhã, nós dois temos de nos levantar cedo e...) – implícita o sentido de “além disso, temos um dia puxado”

3. *ba* (perlocucional *c*)

Etimologicamente pertencente à classe dos conectivos que constroem períodos compostos por subordinação (oração condicional), o morfema final *ba* articula modalidades interrogativas que exprimem sugestão ou ordem.

(136) *Sukoshiwa matomona kangaekatao shite matomona seikatsuo sureba? Sukoshiwa otonani nareba?* (Murakami, *Famirii Afea*, p. 69)

(*E se (que tal) /você/ começar a raciocinar com bom senso e começar a levar uma vida saudável? Que tal você se tornar mais adulto?*)

(137) *Uwagino pokettoni teo tsukkomu kuseo naoseba?* (Murakami, *Futagoto Shizunda Tairiku*, p. 124)

(*Que tal /você/ corrigir (corrija) o vício de meter a mão no bolso do paletó?*)

4. *tara/-ttara* (perlocucional *b* e *c*)

O morfema final *tara* (etimologicamente, o auxiliar verbal *ta*, que indica ação concluída, flexionado na forma condicional; conectivo que introduz uma oração hipotética condicional), pelas suas características funcionais, apresenta a mesma função do morfema *ba*, analisado no item anterior (perlocução *c*). Além da ordem e da sugestão, pode inscrever no enunciado o sentido de apelo ao destinatário, chamando a atenção deste, com inquietação.

(138) *Chôdo oneesanmo dete ittashi, nee ojisantara!*

(A minha irmã também saiu e, né, tio!...)

É como se o locutor estivesse pedindo ao tio que também a levasse para algum passeio.

5. *kara* (perlocucional *b*)

Originário do conectivo *kara*, que constrói orações causais, o morfema final *kara* articula sentido de justificativa do locutor, implicando conteúdos semânticos variados, que não são explicitados para que não se efetue uma infração da lei da polidez.

(139) A: [...] *ochademo dôdesuka?*

(Aceita um chá?)

B: *Ie, ima dekakeru tochûde isogidesukara.* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 11)

(Não, é que estou de saída e estou apressada...)

- (140) *Sanpoga dekinai hitonandakara*. (Mukouda, *Biriken*, p. 34)
(/Você/ é uma pessoa que não sabe passear à pé e...)

O morfema *kara* do enunciado (305) exprime uma razão ou fato com o qual o locutor se sente incomodado. É como se proferisse uma reclamação ou queixa pelo fato de o marido não conseguir fazer um passeio a pé.

6. *ga* (perlocucional *b*)

Tendo sua origem no conectivo *ga* – que introduz uma oração adversativa –, o morfema final *ga* exprime hesitação do locutor, como se este quisesse desculpar-se.

- (141) *Ima antao utsushimashita [...] Shitsureidatowa omottandesuga*. (Mukouda, *Usotsuki Tamago*, p. 83)
(Eu fotografei a senhora agora. Pensei que era falta de educação, *mas...*)

7. *keredo (mo)/ kedo* (perlocucional *b*)

A exemplo do que ocorre com o morfema final *ga*, *keredo (mo)/kedo* constitui recurso para atenuar ou abrandar a intencionalidade do locutor. É uma forma indireta ou implícita de exprimir as razões ou justificativas do locutor, mediante uso da hesitação e do sentido da adversativa “mas”, sem explicitar lingüisticamente as asserções, pedidos, insatisfações, dúvidas etc.

- (142) *Hanashino sujiga yoku wakaranaindakeredo*. (Murakami, *Zôno Shômetsu*, p. 55)
(Eu não estou entendendo bem a linha de raciocínio (a lógica da história), *mas...*)
- (143) A: *Wakatta?* (Entendeu?)
B: *Sorewa wakattakedo. Demô...* (Murakami, *Pan'ya Saishûgeki*, p. 24)
(Isso eu entendi, *mas...*)

8. *noni* (perlocucional *b*)

Etimologicamente proveniente do conectivo *noni* – conjunção subordinativa concessiva –, o morfema final *noni* exprime sentido de insatisfação ou lamentação do locutor diante de um fato cujo resultado foi inesperado, contrariando mesmo as suas expectativas.

- (144) *Sekkaku tsutsunde itadaitanoni*. (Mukouda, *Biriken*, p. 37)
(Embora /a senhora/ tenha feito a gentileza de embrulhá/-lo/ para mim... /Sinto muito/)

(145) *Denwa kurereba torini ittanoni.* (Yoshimoto, *Kitchin*, p. 50)

(Eu teria ido buscar se /a senhora/ tivesse me telefonado... /É uma pena!/))

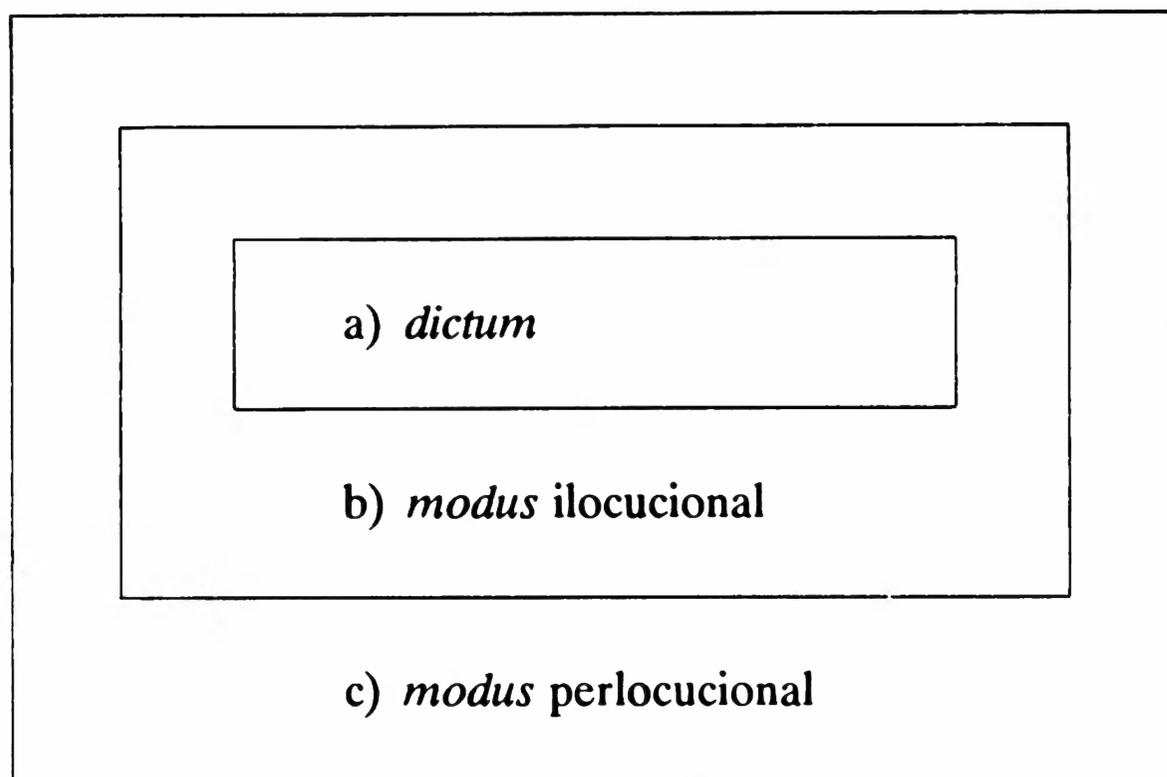
Apesar da breve análise, parece ter ficado claro o modo como os morfemas finais de origem conectiva constroem a articulação da argumentação. Além do seu compromisso com a oralidade, esses morfemas apresentam nitidamente funções modais e constituem fatores de expressividade francamente relacionados com traços do conhecimento cultural que regulam a interação. Nesse sentido, pressupõem, como fator determinante, o mecanismo da implicação, sem o qual o sentido modal por eles expresso não se completa. A participação imprescindível da interpretação do sentido dessas modalidades por parte do destinatário e, por outro lado, o pedido do locutor para que a informação dada passe a ser compartilhada pelo parceiro, levaram-nos a atribuir aos morfemas desta classe uma função perlocucional da classe *b*, isto é, a função através da qual o locutor procura agir sobre o destinatário, tentando chamá-lo para compartilhar suas verdades e afirmações. Acreditando não ser necessário explicitar suas razões e justificativas (pois confia na compreensão do destinatário), o locutor se esquia de dizê-las claramente e termina o enunciado valendo-se da forma suspensiva, própria desses “morfemas finais de origem conectiva”. É o uso do discurso polêmico e complacente para fugir do discurso autoritário.

Pelo que foi exposto, poder-se-á concluir que os morfemas finais, por exprimirem valores fundamentalmente perlocucionais, ocupam, no sistema de estruturação das modalidades, a última posição sintática, em nítida obediência às características gerais de articulação modal próprias da língua japonesa. Como já tivemos oportunidade de ressaltar¹⁰, a estrutura enunciativa da língua japonesa obedece, de forma geral, a uma ordem seqüencial de encadeamento, que parte do *dictum* para a expressão das modalidades, estas obedecendo à seqüência “do ilocucional para o perlocucional”, na cadeia sintagmática. Em outras palavras, essa ordem de encadeamento discursivo, determinada por regras de estruturação sintática, efetiva-se no enunciado, tendo, em seu ponto mais central, o conteúdo proposicional envolto por “camadas” mais externas onde são articuladas as modalidades – primeiro as ilocucionais e, em último, as perlocucionais, na camada mais externa. Se os ilocucionais visam a estabelecer relações entre o locutor e o conteúdo proposicional, poder-se-á localizar tal função, na língua japonesa, nos auxiliares verbais, que, de forma geral e com exceção daqueles que exprimem polidez, veiculam basicamente atitudes ilocucionais do locutor. Contrastivamente, ter-se-á como modalizadores que exprimem nitidamente valores perlocucionais, os morfemas finais, já que articulam – em maior ou menor grau – as várias formas através das quais o locutor procura agir sobre o destinatário.

10. Cf. “A Função Modalizadora dos Auxiliares Verbais da Língua Japonesa”, *Estudos Japoneses* nº 12, 1992.

Dir-se-á, então, que os morfemas finais têm, como função básica, a propriedade de estabelecer as relações entre o locutor e o destinatário.

Retomando-se o esquema apresentado anteriormente, ter-se-á:



- a. universo expresso por verbos, adjetivos, auxiliares verbais passíveis de exprimir o conteúdo proposicional (*da, seru, renu, tai, nai, ta*)
- b. universo expresso pelos auxiliares verbais – relação locutor/referente
- c. universo expresso pelos morfemas finais – relação locutor/destinatário.

É evidente que tal postulação contém caráter geral e generalizador, observando-se, nos auxiliares verbais, várias possibilidades de veicular valores perlocucionais e, nos morfemas finais, as de exprimir valores ilocucionais. Contudo, a proposição acima se tornará viável e defensável se prestigiarmos as funções básicas dos dois componentes em questão – a função ilocucional dos auxiliares verbais e a função predominantemente perlocucional dos morfemas finais.

O que se quer com essa classificação geral é chamar a atenção para o fato de que, nos vários níveis de representação das modalidades, o auxiliar verbal constitui o componente que veicula maior número de funções ilocucionais, ao mesmo tempo em que os morfemas finais ficam basicamente reservados à manifestação dos modos perlocucionais.

Ao se detectar nos morfemas finais a sua função perlocucional básica, foi preciso verificar a natureza e as funções de cada uma delas separadamente. Concluiu-se, então, que os morfemas finais podem ser classificados, segundo seus diversos “graus” de argumentatividade perlocucional. Em outras palavras, a análise feita mostrou que há, pelo menos, três aspectos básicos que os caracterizam:

- a. o seu valor perlocucional, que constitui um fator constante e comum a todos, mas que varia em três diferentes escalas ou graus argumentativos: aqueles

que estabelecem a função de enfatizar as crenças e as afirmações do locutor, mas francamente direcionados ao interlocutor, com a intenção do locutor em agir sobre ele (classe *a*); aqueles que têm a função de exprimir pedido de adesão ao destinatário (classe *b*); e aqueles que possuem a função de agir sobre o destinatário, exigindo dele uma resposta acional (classe *c*). A perlocucionaridade faz com que os morfemas finais constituam componentes característicos da linguagem oral e dialógica, sendo raramente usados na escrita;

- b. o estabelecimento de informações novas ou não-compartilhadas entre os interlocutores, ou de informações conhecidas e compartilhadas entre eles. Os morfemas finais da classe *a* articulam, pois, informações do primeiro tipo (novas e não-compartilhadas), pertencentes, portanto, unicamente, ao que Kamio chamou “território de domínio do locutor”. Os da classe *b* e *c* veiculam informações ou experiências do segundo tipo (conhecidas e compartilhadas), pertencentes, portanto, aos “territórios de domínio do locutor e do destinatário”;
- c. o seu caráter social, já que são orientados pelas limitações de emprego masculino/feminino, uso por idade, por relações de intimidade/distanciamento entre os interlocutores, por suas relações hierárquicas sociais, por contextos situacionais formais/informais. Dir-se-á, então, que os morfemas finais estabelecem os vários tipos de relações sociais entre os indivíduos, inscrevendo no enunciado formas convencionalizadas de interação, orientadas por regras sociais.

Levando-se em conta esse quadro geral, verifica-se que os morfemas finais encontram-se, sempre, orientados pelas concepções de “expressões polidas/ru-des”, nas quais o “pedido de adesão do destinatário” e a “atenuação” (das modalidades afirmativas, interrogativas e prescritivas) por parte do locutor, por exemplo, constituem recursos de elaboração da máxima da polidez, ou manobras através das quais o locutor procura demonstrar o *sasshi*, o *omoiyari*, o *kokorozukai*, isto é, a sua atenção e consideração pelo destinatário.

Por outro lado, como parece ter ficado claro pelos exemplos do tipo *ikuwayone*, onde se tem o verbo *iku* (ir) + os morfemas finais *wa* (afirmação feminina branda) + *yo* (ênfase delicada da afirmação ou pedido de atenção do destinatário) + *ne* (pedido de adesão do destinatário), de forma geral, os morfemas finais obedecem, na cadeia sintagmática, a uma ordem de encadeamento que se desenvolve linearmente, partindo dos perlocucionais da classe *a* para os da classe *c*. Assim, o enunciado registrará o encadeamento de morfemas finais segundo a ordem: morfemas que exprimem emoção ou afirmação → pedido de adesão → ordem ou questionamento. Tal característica pressupõe a idéia de que a intencionalidade propõe uma relação de encadeamento, na qual os morfemas empregados mais no final da frase vão, gradativamente e em ordem crescente, cerceando a liberdade de resposta do destinatário.

Com relação aos morfemas finais de origem conectiva, dir-se-á que têm, como característica primordial, a função de estabelecer uma perlocução da clas-

se *b*, no sentido de que a implicação que veiculam exige a participação do destinatário para a compreensão plena do enunciado. E a implicação depende, de certa forma, do conhecimento de dados culturais de ordens variadas, tanto por parte do locutor que a elabora quanto do destinatário que a interpreta.

Em decorrência do fato de que as modalidades expressas pelos morfemas finais revelam, de modo geral, caráter dialógico informal, pautado de intimidade, o seu emprego será evitado em situações conversacionais mais formais (que regulam maior formalidade, distanciamento e respeito), sendo, nesses casos, substituídos por recursos outros que deixem implícitas ou marcadas essas intencionalidades.

O recurso constante à atenuação das modalidades na língua japonesa faz com que seja corrente a idéia de que o japonês não exprime claramente suas intenções ou de que o japonês é “fraco” em recursos de argumentação. Segundo nossa visão, contudo, o japonês é uma língua na qual o locutor apenas faz parecer que não argumenta, mas o faz na medida exata de suas necessidades, embora de forma a atenuar e a camuflar essa intencionalidade. Ele se utiliza de manobras lingüísticas que atribuem sensação de pouca insistência e explicitação das modalidades em respeito ao destinatário. É apenas uma questão de opção por um modo particular de articulação da argumentação.